

AGOSTO



#### A FIANDEIRA

Fazes bem mal, fiandeira.  
Em fiar de noite e dia  
Essa linhagem grosseira!  
Mal empregada cansa  
Que tem na vida quem fia!

Eu fui também fiandeira:  
Fiava ternos e batedos  
Em vez de linho trigueiro...  
Fiz-se-me a roca em bocão  
E já não sou fiandeira!

Passava os dias fiando  
E só tristezas e dores  
Le no fuso curvando...  
Ai, antes no fuso branco  
Do que fiar em amores.

Chega-se no calo do dia  
E a roca, por espigar,  
Sempre da mesma maneira!  
E vem depois a cansa  
E acaba a gente a chorar  
Sobre a mortalla que fia...

M. I. empregada cansa  
Que tem na vida quem fia!

JOÃO SARAIVA

LISBOA, 1916

# GENIOS?

Não; estudo  
e trabalho!



Não creia que o surpreendente exito dos Estados Unidos e devido a que os norte-americanos sejam genios extraordinarios, não; este resultado é devido unicamente a que elles mais que ninguém, têm reconhecido a importancia vital da educação. Os norte-americanos têm feito tão somente o que a educação tecnica lhes tem permitido fazer. Rara vez têm inventado alguma coisa por casualidade; DEVEM SEUS EXITOS AO ESTUDO E AO TRABALHO.

Existem nos Estados Unidos poderosas forças sociais que impellem o individuo para frente, que o impulsionam ao triumpho. Entre as mais activas destas forças se contam as Escolas Internacionais de Scranton, de ensino por correspondencia, que ha cerca de um quarto de seculo tem educado centenas de milhares de alumnos, guiando-os pelo caminho do exito. Os cursos que ensinamos são, sem disputa, os melhores que se tem offerecido ao publico e os unicos de sua classe adaptados ao hespanhol e ás necessidades da America Latina.

Não deixe passar esta oportunidade, estude em nossas escolas. Não é necessario para isso que vá aos Estados Unidos, nem tão pouco que aprenda o Ingles para estudar nossos cursos técnicos. Não necessita sair de sua casa, visto que as Escolas lhe ensinarão aqui mesmo por correspondencia. Não é sequer necessario que interrompa ou abandone sua occupação actual, visto serem sufficientes os seus momentos vagos. A falta de conhecimentos previos não é trápico um obstaculo para que comee qualquer dos nossos cursos. Nem si-

quer precisa ter muito dinheiro, porquanto pode pagar o seu curso em prestações muito modicas.

Decida-se, pois, sem perda de tempo, a aproveitar-se das oportunidades que lhe traz mesmo as portas de sua casa, a educação norte-americana. Sejam estas linhas a mensagem que lhe abra as portas de um brilhante futuro. Corte o coupon abaixo, encha-o e nolo envie. As Escolas Internacionais de Scranton farão o resto. (Estes cursos são ensinados em hespanhol. As respostas dos alumnos, porém, são acceptas em portuguez).

Vejá o que homens ilustres, aqui mesmo da America do Sul, dizem acerca de nossas escolas. O Lente de Química Aplicada á Indústria, da Universidade do Chile, que é também membro da American Chemical Society e da Société de Chemie-Physique de France, disse o seguinte:

Scranton, 5 Setembro 1912.  
Visitei as Escolas Internacionais e examinei muito minuciosamente cada departamento e estudei seus métodos de ensino por correspondencia. Creio que a adaptação deste systema aos paizes latino americanos será uma das forças sociais mais poderosas que contribuirão para o desenvolvimento economico e moral da America Latina.

(Firmado) Policario Diaz Caneja.

O prorector Lente de Mathematicas da Escola Polytechnica de S. Paulo, dr. Carlos G. de Souza Shalders, que por todos os titulos é um dos mais notaveis engenheiros civis do Brazil, referindo-se aos nossos cursos de Electricidade, disse:

Só tenho palavras as mais lisonjeiras para recomendar a International Correspondence Schools. O curso é pratico, e consciencioso e é barattissimo. Espero que V. S. com o seu estorço intelligente consiga alargar immensamente o campo de acção de tão util instituição entre nós.

(Firmado) C. G. S. Shalders

## INTERNATIONAL CORRESPONDENCE SCHOOLS

(Escolas Internacionais)

de SCRANTON, Pa., U. S. A.

Caixa Postal 945 — SÃO PAULO, BRAZIL

Quem enviar nos todos os dados seguintes em systema I. U. S. para o ensino do curso em hespanhol N. (Temos mais de 300 cursos em Ingles):

1. Topografia e dibujo topografico
2. Engenharia de Portos e Canaes
3. Alumbração e Transmis Electricas
4. Alumbração Electrica
5. Transmis Electricas
6. Dinamos e Motores
7. Distribuição Interior
8. Dibujo de maquinas
9. Comercio Completo
10. Mecanica, Fita y Tapizariado
11. Contabilidad
12. Manejo de las Instalaciones de Vapor y Electricas
13. Manejo de las Instalaciones de Vapor
14. Manejo de Maquinas de Vapor y Dinamos
15. Manejo de las Maquinas de Vapor
16. Maquinas Mitchell para el Manejo de las Fricciones de Aire
17. Idioma Ingles
18. Idioma Francés

N. B. Estes cursos podem ser correspondidos em Portuguez

Nome \_\_\_\_\_

Rua e N. \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

Estado \_\_\_\_\_

## ESCRITORIOS NO BRAZIL

**SÃO PAULO**  
Rua Onze de Agosto, 9-A  
Caixa Postal 945



**RIO DE JANEIRO**  
Avenida Rio Branco, 117  
Caixa Postal 382

## PÓ DE ARROZ BIJOU

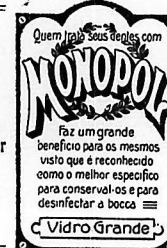


E' O PÓ DA ACTUALIDADE  
Ultima criação da Perfumaria

**AMBRA**

PREÇO \$1500

Este  
dentrífico  
deve-se usar  
sempre



Hygienico

Agradavel



O PERFUME DA ARISTOCRACIA

VENDE-SE EM TODAS AS  
—BOAS DROGARIAS—

## Machina de Bordar

"La Fée du Foyer"

Original, (cuidado com as imitações)

Com esse pequenino aparelho que a Casa Edison, de S. Paulo, acaba de novo importar, qualquer pessoa pode fazer trabalhos de bordado de extraordinaria belleza, destinados a qualquer fim, e isso sem preclear aprendizagem alguma. Este aparelho offerece uma occupação tão util quanto agradável e considerando-se quanto se gasta usualmente neste ramo de ornamentação, vê-se que se reembolsa do pequeno custo desta machina logo depois de fazer o primeiro trabalho. Cada senhora poderá com o auxilio deste pequenino aparelho, ornamentar o seu lar a seu gosto e de uma maneira verdadeiramente artistica, tudo com uma despesa minima.

O preço da legitima machina de bordar, "La Fée du Foyer", inclusive as instruções em portuguez é \$4000 (pelo correio \$4200). Duas machinas enviamos por 12000. GRATIS, a cada comprador que nos nos enviar o endereço de 12 de seus conhecidos e amigos em diferentes logares do Brazil a quem possam interessar os nossos productos de muitas novidades, enviamos um Album "Arte de bordar em alto relevo".

Todos os pedidos devem vir acompanhados da importância e dirigido em carta registrada com valor declarado, n



GUSTAVO FIGNER

Rua 15 de Novembro N. 55

**CASÄ EDISON**

S. PAULO — BRAZIL

## Casa de Saude - Dr. Homem de Mello & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e montaes Medico Consultor DR. FRANCO DA ROCHA, director do Hospicio de Juquary

Este estabelecimento, fundado em 1907 e situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES, em uma chacara de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos independentes, ajardinados e isolados com sepação completa e rigorosa de sexos, fornece aos seus doentes esmerado tratamento e com todo o conforto e carinho são tratados sob a administração de Irmãs de caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. Homem de Mello, que reside á rua dr. Homem de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes) — CAIXA DO CORREIO 12 — TELEPHONE, 560 — SÃO PAULO

## Zaccara & Cia.

Alfaiates

Rua da Boa Vista, 38-B

Caixa do Correio, 514

Telephone N. 5771

**SÃO PAULO**



**MAPPIN STORES**  
SOCIÉDADÉ ANÓNIMA INGLEZA

# ROUPAS BRANCAS

Importadas directamente de Paris



Acabamos de receber uma linda collecção de Roupas Brancas francezas, de todas as qualidades desde o artigo commum até as produções finissimas.

## Enxovaes para Noivas

Especialisamos em Enxovaes completos para Noivas, sendo parte do nosso stock expressamente escolhido com o fim de aviar os pedidos das EX.MAS NOIVAS com exito e presteza.

A nossa officina de Roupas Brancas está sob a direcção de uma contra mestre habilitadissima e está organizada para confeccionar rapidamente as encomendas sob medida nesta importante secção.

Garantimos perfeição de acabamento ligado com fino gosto e

## PREÇOS MODICOS

CAIXA 1391 TEL. 45

A 84 GUARNIÇÃO em cambraia franceza, lindamente enfeitada com rendas finas e fitão de setim.

Camisa de dia . . . 14\$000  
Calças . . . 15\$000  
Camisa de dormir . . . 28\$000

**MAPPIN STORES**  
RUA 15 DE NOVEMBRO 26 -- S. PAULO

ANNO III

SÃO PAULO AGOSTO DE 1916

NUM. 27

PROPRIÉDADÉ  
DA EMPRESA  
FEMININA  
BRASILEIRA

*Revista Feminina*

DIRECTORA:  
VIRGILINA DE  
SOUZA SALLES

REDACÇÃO:  
ALAMEDA GLEITE, 87

Preço para venda avulsa:  
600 réis

ASSIG. ANNUAL PARA TODO O  
BRASIL 1900  
TELEPHONE No. 6024

## AGOSTO

**A** AGOSTO. Acabo de chegar de uma parada de escoteiras. Qual é de facto a impressão que ella me causou. Não sei ainda. A alma dos homens é de mais facil conclusão emotiva. Para qualquer aspecto da vida tem immediatamente uma frase que a define. Nós, mulheres, nos aparamos na vida contemplativa. Nossas impressões, por mais delicadas e mais detalhadas, são filhas de uma ruminação que se estabelece desde nossa infancia e que decorre da sedentariedade de nossa vida, que se faz mais no silencio das quatro paredes do lar, do que no tumulto das ruas, que tudo dispersa. Uma impressão de mulher é pois mais ponderada, mais calma e de entusiasmo mais sincero do que a mesma impressão traduzida por um espirito masculino. Eis o que me faz ficar um momento a scismar...

E no meu scismar confundem-se as imagens que acabei de ver, em uniforme kaki, chapéu de feltro, de abas contradictorias, uma presa ao alto e outra derrubada sobre a orelha, com um ar mosqueteiro de heroismo romanesco, como as usam as escoteiras desta minha cidade. Num scismar ha pequenos detalhes, que como folhas mortas, desviam o curso das aguas lentas da meditação. O chapéu das nossas escoteiras, com as suas duas abas contradictorias, bifurca as aguas correntes em que meu espirito se deixa vagar, após o ligeiro cansaço da tarde de sol, de que acabo de entrar. Ha um symbolo, um segredo, uma synthese naquellas duas abas? Uma erguida, presa por uma ligeira fivela á copa, é por certo o passado, a alma feminina das primeiras edades da nossa historia. Evocam-se ao meu espirito os tempos coloniaes, as rotulas, a vida conventual da familia. As cidades são ainda diminutas, a nação é ainda pequena. A mulher vive enclaustrada, anquilosada na imbricada teia dos principios rigoristas que se projectam, com a sombra do campanário da igreja, sobre todo o escasso casario que ao seu redor se cogula. No estreito ambito, a voz do evangelista que prega no templo alcança todos os lares. Ha um sentimento que congrega, que é o amor

e esse sentimento que se eleva de todos os lares da vida, purifica-se na agua benta da creença, que fica a dois passos e alcançadora-se do altar ás regiões serenas, onde as almas se glorificam no extase perenne.

A mulher é exclusivamente amor e amor inconsciente. Mal lobriga a forma material do seu sonho humano, através o interstício da rotula; advinha um outro sonho, o da imaterialidade, para além da concha azulada do céu. Seu coração tem o anseio incerto das almas das libelullas. Bate-se na sombra da reclusão, ás cegas, pela luz que creia a vida, na mesma chamma em que a extingue. O amor é então cego, como as coisas inevitáveis. Existe impreciso, immanente, no espaço... Alveja sem ver, sem poder escolher sua forma material e concreta. A mulher vive como as flores raras, na estufa tepida do lar ou na sombra das naves, que o incenso perfuma e a myrrha embalsama. E quando tem de atravessar um espaço de luz e de tumulto, para ir pela cidade, do lar á nave, embuça-se até os olhos, leva roupas abalonadas, que lhe encobrem e desnaturam a plastica. O homem deve amar na mulher a essencia, o souho... Ella se divinisa assim, tornando-se incorporea. Como nos esponsaes das abelhas, seu noivado se deve passar nas altas regiões da imaterialidade. Não deve ser profanando com a abjeção physica dos cinco sentidos da analyse. Nem tocado, nem aspirado, nem ouvido, nem falado, nem visto. Apenas sentido e sentido num sussurro, que do coração se eleva, como o pio desamparado de uma ave ferida...

Eram assim nossas avós, as de 1775, quando o capitão general Martim Lopes Lobo de Saldanha, mandava que se abrissem as rotulas, para arejar os lares e «prohibia que as mulheres sahissam á rua, como até então, rebuçadas em dois covados de bacia preta e com chapéus desabados na cabeça».

As aldrabas de ferro, com cabeças de leão, que serviam nos pesados portaes das casas, para que os de fora aos de dentro chamassem, afora os actos communs da vida, só eram agitadas pelas mãos engelhadas das velhas beatas, unicas visitas que se recebiam e que faziam o jornal das cidades, com a nota acre e pigarrenta do seu carrancismo. Uma mulher, como eu, que escrevesse chro-

nica, uma mulher como tú, minha querida e indulgente amiga que lêas minhas futilidades, só por esse crime, se delle logo se não fossem penitenciar, podiam estar certas de ser degradadas, como portadoras de perigosa doença. Veronica Dias Leite, uma das mais severas matronas paulistas, fez morrer sua filha, que um dia tivera a veledade de abrir a rotula e olhar a rua. O que faria essa pobre Veronica si hoje resurgisse, e nos encontrasse a todas nós, de saia curta e collante, de braços e aos beiços com os homens, com os decotes a baixarem de nível e as saias a subirem de audacia, com os braços nus, expondo-nos com deleite aos cinco sentidos da analyse masculina, perfumadas com exaggero, pintadas como palhetas, estucadas a gesso e postas na vida como a figura disprate de uma paisagem cubista?

Tudo em nós se tornou artificial. Andamos, pensamos, falamos, gesticulamos, com um preciosismo automatico de bonequinhas de minnete, sobre o lirismo sempre igual da aria unica de uma caixa de musica. O homem supporta-nos porque, cada vez menos, está ao nosso lado. Trocou a preocupação passional de antanho pela ambição empolgante. A vida para elle deixou de ser amor para ser negocio e o proprio amor deixou de ser amor para ser transação. Já não vive no lar. Vive na bolsa e no club. Está connosco por momentos apenas, enquanto troca a roupa da Bolsa pela casaca do cabaret. E nestes curtos momentos fr por supportar o nosso preciosismo, enquanto nós lhe recitamos o ultimo paradoxo de Bergson, fumando uma cigarrilha, com gestos de gyneceu, que poem em destaque o brilho de nossas unhas, para as quaes se crearam artistas.

Sem dote em dinheiro não valemos nada. O homem vende-se e vende-se torpemente ao nosso dote. Não encontra em nós nada mais que o possa seduzir. A proporção que deixamos de ser mulher para nos apriormarmos como marionettes, os doces encantos da feminilidade nos abandonam. O que é precioso deve ser raro. Nós descemos demasiado da sombra, que apenas nos deixava entrever, para a luz excessiva que nos tira todo o mysterio. Substituímos os dois covados da mantilha pelo veu ligeirissimo de gaze. Despimos a tunica ampla que dava a magestade do

impessoal, para vestirmos a garotice mariola do costume trotteur. Abandonamos a "caderinha", junto à qual o homem nos escoltava a enlanguescer de paixão e entramos a palmilhar com elle a poeira da rua. E não tardou que nos tornassemos mulheres, que perdessemos a aureola de curiosidade que levava o homem ao sacrificio. Não quizemos porém parar ali. Fomos além. Adoptamos os gestos e os vícios dos homens. Fizemos sport, sofreamos quadrigas ardorosas, trocamos a elegancia da amazonas pela casquette do entraîneur, pedalamos em bicyclos, enrijamos os nossos músculos em gymnasticas athleticas, bebemos licores fortes, fumamos desabaladamente... E fomos philosophias devastadoras e acompanhamos interessadas a agonia do sonho nas paginas viscerais do 'realismo que não cora... As dansas lubricas do

harem seduziram-nos e um dia, entre uma bafada de opio disfarçado e uma leitura dissolvente, entramos resolutamente a dansar maxixe...

Surgem-me de novo ao espirito as escoteiras desta tarde. Não as desaprovo. Não me seduzem nellas nem a veste masculinizada, nem o programma que lhe empresta a moda. Quería vel-as sem aquelle uniforme kaki, sem aquelle chapéu mosqueteiro, sem aquelle ar marcial, que nenhum delles se ajusta ao encanto e á garriedade de sua feminilidade em botão. Escoteiras, sim, eu queria vel-as todas, mas escoteiras do unico programma que nos pôde restituir a felicidade perdida. Escoteiras que pelessem pela reintegração do nosso sexo, que, como as jovens da Hellade, coordenassem com seu riso claro e aromal, nos jogos florais, as paisagens deliciosas da phantasia. Escoteiras

que nos rehabilitassem, que diminuíssem nossos decotes e que encomprássem nossas saias. Que nos revestissem as almas de menor futilidade; que nos dessem a ler menor numero de paradoxos; que nos tirassem das mãos a cigarrilha que vicia; que nos dessem ás dansas menos lúbricas e maior galanteria. Escoteiras, emfim, que nos fizessem de novo amar a luz, as cores puras, os perfumes dos jardins, a musica das aguas, toda a belleza immensa com que, do damasco azul do céu ao tapete verde da relva, se decorava a camara nupcial para o noivado das almas, quando as almas de facto noivavam sem que os corpos se apercebessem...

(Revista Feminina de S. Paulo)

ANNA RITA MALHEIROS.

### Anniversario de nossa directora

No dia 7 do mez passado todas nós, redactoras e collaboradoras da *Revista Feminina*, festejamos o anniversario de nossa illustre directora, D. Virgínia de Souza Salles, cujo retrato hoje orna as paginas de nossa Revista, por deliberação de todas nós e muito contra a vontade de nossa directora, de modestia excessiva. Foi um dia de festa para todas nós que temos acompanhado a abnegada dedicacão de D. Virgínia de Souza Salles, á cuja energia e tenacidade devem as senhoras brasileiras tão util, quão elegante publicação. Todos os triumphos que a nossa Revista tem colhido á ella são devidos.

O seu esforço tem sido multiplo e brilhante. Não existem para ella obstáculos. Dando um nobre exemplo de amor ao trabalho, não se limita nossa directora, a encher as columnas da Revista com as fulgurações do seu brilhante espirito, escondendo seu nome sob pseudonymo. Vai além; visita um por um dos nossos annunciantes e dirige em pessoa aos serviços materiaes da empresa, com inextinguível carinho.

Justas e significativas foram pois as manifestações do amizade e do entusiastico louvor que lhe foram feitas por occasião de seu anniversario, e á qual se associaram, por carta e telegramma, muitas de nossas assignantes e as nossas collaboradoras ausentes, entre as quaes, a nossa sentinella chronista, Anna Rita Malheiros, que nos enviou longo e expressivo telegramma, e o Dr. René Thiollier, que enviou uma riquissima corbeille de flores naturaes.

A todos, nossos agradecimentos pela parte que quizeram tomar no justo preito de homenagem que prestamos á nossa querida amiga e abnegada directora.

### Club das senhoras paulistas

A idéa lançada pela nossa Revista, e que ha um anno vimos sustentando, da creação de clubs femininos, onde as senhoras se possam reunir na intimidade de seu sexo, para uma hora de palestra e de boa arte, acaba de ter uma brilhante realisação, que muito nos ufana, por vermos que as idéas lançadas em nossa modesta Revista, começam a fazer adeptas entre os mais brilhantes nomes femininos nacionaes. Infelizmente a iniciativa felicissima que acabamos de tomar as senhoras paulistas residentes no Rio de Janeiro, ainda não amadureceu em S. Paulo, onde maior é a necessidade de uma associação de tal ordem, escassa como é nossa Capital de pontos onde as senhoras se possam encontrar, quando vão ao centro. No Rio de Janeiro, um club de senhoras é já um facto e um club de senhoras com vastas e bellas installações. A iniciativa partiu de um grupo de senhoras em um dia de recepção do Centro Paulista. Acharam ellas e muito bem, que deviam ter no centro da cidade um salão seu para receberem suas amigas que caracterisa o espirito paulista, immediatamente se organizaram em comitê, tiveram dezenas e dezenas de adhesões, alugaram todo um andar no centro da cidade, estão procedendo ás installações caprichosissimas que constituirão um dos attractivos do club das senhoras paulistas. A direcção dos trabalhos preparatorios está entregue ás distinctas senhoras paulistas Palmeira Ripper, esposa do deputado federal Dr. Ripper, baronesa Homem de Mello e senhora Saraiva Junior, ás quaes enviamos as nossas felicitações por tão sympathica iniciativa.

E nós quando teremos o nosso club de Senhoras?

Para a realisação de toda e qualquer idéa que apresente a necessidade de um agrupamento é preciso um centro de crystallisação, ao qual se reúnem as vontades esparsas e nós aqui estamos dispostas a receber a adhesão das senhoras que desejarem tomar parte em tão util organização, como já temos dito em nossos numeros anteriores.

## EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL — 7\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez terminando um anno depois no mez correspondente.

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA, remetteremos como presente O Adaluis elegante livrinho de receitas de cozinha e doces ou um fasciculão "Cyranos de Bergerac" de Edmund Rostand.

Toda Sra. que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis alem do Adaluis, e á que nos enviar 2 assignaturas terá direito ao sorteo de um enxoval de noiva, um mobiliario ou um conto de reis em dinheiro.

Avizamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformar-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á Da. Virgínia de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Alameda Glette, 87, São Paulo.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

## PARA QUE SERVE A BELLEZA?

NUMA das mais bellas cidades da Europa, afamada pelo seu refinamento artistico e pela sua alta cultura, um grupo de deliciosos esthetas fundou, ha tempos, o Museu do Mau Gosto. Tudo quanto o mundo conta de feio, de disforme, de horrivel, de grotesco, de insipido, figura nas saias luxuosas do novo estabelecimento, quer seja sob as formas materiaes do *bébel* e da quinquilharia, quer sob as formas da reproducção pela gravura. Correspondentes obsequiosos encarregaram-se de reunir, pelos vastos continentes em que se divide a terra, feiticos indigenas, photographias de contemporaneos, copias de quadros, bustos de solteironas, livros de versos, discursos de deputados—tudo, emfim, que fosse susceptivel de commover a esthesia das naturezas delicadas e de tornar sensível, pelo contraste, o Bello immorredouro.

Esta obra de sybaritismo intellectual parece desprovida dum fim util, aos olhos dos cidadãos acostumados a avaliar pelo positivismo dos resultados o alcance dos empreendimentos que os cerebros glisam, nas suas horas de febre. E, todavia, o Museu do Mau Gosto, com a sua admiravel collecção de disformidades, elimina uma das falhas mais evidentes da nossa civilisação. A educação esthetica dum povo não bastam as galerias de fina arte, onde as tintas dos mestres, espalhadas com prodigiosa segurança de efeitos, desafiam a admiração dos pósteros. Um museu do Bello só tem uma real influencia no gosto publico desde que o paralise com um museu do Feio. Visitar o novo estabelecimento, ou um salão *futurista*, equivale a receber uma insubstituivel lição de arte e a sentir o amor immoderado e apaixonado da belleza. E' deante da morte que nós sabemos aquilatar e estimar a vida.

Não se pense que o museu a que me refiro, e a cuja organização presidiram alguns entendidos amadores de Arte, funcione modestamente num acanhado ambito e limite as suas acquisições ás extravagancias concebidas por cerebros em delirio. O dominio do Feio é muito mais extenso do que nós pensamos. Na vida corrente, o feio passa-nos quasi despercebido; a vulgaridade do seu contacto insensibilisa-nos para á sua comprehensão. Se, porém, abstrahirmos das idéas adquiridas, recuperarmos a nossa lucidez esthetica e submetermos a vida que pulula em nosso redor ao cadinho da analyse, concluiremos que a humanidade, desde longos seculos, não faz outra coisa senão afeiar-se. Um espirito estreito e mystico de maçonaria parece ter congegado todos os homens na tarufa de despoietar a terra. As proprias conquistas do progresso não se fazem senão á custa do sacrificio da graça e do encanto. Cada villa ferrea

que se abre no globo, facilitando as communicações, retalha, movimenta e suja de fumo-negro e espesso payagens pittorescas, silenciosas e virgindades, que constellavam a superficie do planeta com oasis que se offereciam aos olhos fatigados. Os sabios, nos seus laboratorios, desvendando microbios á lupa ou provocando reacções chimicas, são os mais effectivos perseguidores do idealismo que embellece a vida e a torna supportavel.

A historia da Arte, nos ultimos quatro seculos, é a historia duma decadencia. O outro dia, percorrendo um album de indumentaria do seculo XVII, invejei os meus ascendentes, os seus calções de velludo, os seus punhos e golas de preciosas rendas, o seu espadim, o seu sapato de fiavel, o seu justillo de seda, o seu gorro onde as plumas fluctuavam com arrebanho e intrepidez. Invejei-os olhando para os inexpressivos vestuarios modernos, uniformes e monotonos, talhados geometricamente á régua, sem a mais longinqua relação com a belleza anatomica. O seculo XVII foi particularmente luxuoso e brilhante, como expoente da alta civilisação da Renascença; porém, aos que se sentiam tentados a collocar-o aparte na historia, convido-os a reler, nos classicos, a *toilette* dum contemporaneo de Peronio, *arbitrar elegantiarum*, e a evocar, das sombras illustres do passado, o *opulum* gracioso, fluctuante, cheio de rythmo, que convidava ao estudo das *poses* e á cultura da elegancia. Foi preciso chegar ao seculo actual, aos immortaes principios, ao telephone, á machina de vapor, para obliterar estas bellas e artisticas tradições e agrihetar todo o sexo forte ao mesmo traje de penitencia, imposto pela moda.

Atravessando as galerias de pintura, que centralisam em algumas metropoles modernas as obras primas das tres escolas flamenga, italiana e hespanhola—e pergunto, desolado, em que ignoto buraco enterraram os homens o segredo de entreabrir num sorriso os labios finos e puros da *Gioconda*, de franzir sob a influencia da ascése e da meditação a testa dum cardenal de Velasquez, de colorir, com uma pasta que lembra uma mistura de leite e de rosas, as virgens de Giotto, cujos olhos azues, erguidos ao infinito, perdidos no espaço, nos obrigam ao silencio—com o receio de provocar-lhes um movimento! Os sabios modernos são a vitrina de quanta mundana se prestou a perscrutar em *ateliers* cheios de bugigamas e da fumaceira dos cachimbos; de rincões da natureza, colhidos numa visão deformada, tracejados por pinceis sem a divina intuição da *nuance*; de praças de Paris observadas em horas de luz estúpida; de reconstruições historicas sem grandeza nem verdade. O seculo da Renascença improvisou uma centena de mestres,

numa epoca sem civilisação, sem recusos, sem academias e talvez sem tintas. O seculo actual, dispondo de meios infinitamente mais vastos, inundado de technicas e de tratamentos, afogado em museus e escolas, sente-se incapaz de fabricar um Murillo, porque lhe falta a scintilla da fé e o idealismo largo dos antepassados. Não só tudo se torna feio, como tudo se torna pequeno.

Mas para que serve o bello? — perguntou-me, um dia, com sincera vontade de elucidar-se sobre um assumpto extranho, um desses mimados da roleta da existencia, sobre os quaes o ouro despeja as suas phantasticas catadupas. Podia responder-lhe, com o doce Renan, que o bello é tão necessario ao mundo como o trigo alourado das ceáras augustas que nutrem a humanidade; com Jules Payot, que o direito á belleza é essencial aos povos modernos; com William Morris, que a belleza é a unica coisa que dignifica a vida; e com o profundo Nietzsche, que a felicidade consiste na ascensão do ser á belleza. Esta erudição, que deve andar esparsa nos almanachs, pareceu-me na occasião inutil. Quem pergunta, cincoenta annos depois de Ruskin, para que serve a belleza, será sempre incapaz de comprehender a resposta com que se obvie á sua desoladora interrogação. Ha cousas que a alma abraça e atinge e que o verbo não formula, por insufficiencia de expressão.

Em todo caso, a melhor resposta que hoje se pôde dar a quem pergunta para que serve a belleza, é apontar-lhe calmamente o museu recém-aberto e convidar-o a percorrer a mais magnifica collecção de alelloes, de aberrações pathologicas, de dischromias e de cacoplastias, que até agora o snobismo de alguns tem peramantos despreziosos tem reunido. Um passeio por essas salas, acolhedoras do Feio nas suas realisações mais variadas, mostra o prestimo substitutivo do Bello, assim como o cadaver que se retalha e dissecá na mesa anatomica revela o inestimavel preço da vida. Eram os gregos dramaturgos que tinham por costume alternar o comico e o tragico, para dar mais força e relevo á acção das suas peças, e para collocar em superior destaque a grandeza de seus lances de epopeia. Entre o gargalhar da farça, o drama resultava mais vibrante e mais pungente. Pois bem: Passando um hora na contemplação das mais notaveis revelações do mau gosto, todos nós, os que sahirmos desse pesadelo anciloso de belleza, de harmonia e de graça, ficaremos comprehendendo a larga parte que o Bello tem na nossa existencia, e como nos seria impossivel renunciar a elle, sem implicitamente cahirmos na miséria dos brutos.

GOMES DOS SANTOS.



## NATAL NO MAR



MANHÃ, em alto mar, anunciava-se de esplendor. Na planície imensa as vagas iam e vinham, mais se embalando do que mexendo.

O brigue-escuna, *Flôr da Virgem*, cortava lento as águas tranquilas, abrihantadas de reflexos. Tinha a bordo um carregamento de sal vindo de Assu, consignado à firma Souto, Pomares & Comp., de Pelotas. «Nós trazemos em cima d'água o que está em baixo», dizia, rindo, o mestre, Francisco Guamaré, pernambucano dos quatro costados, segundo com ufania se apelidava.

Guamaré nascera sobre a ponte do istmo de Olanda; desde criança amara o mar como quem proveio de uma geração de pescadores. Legítimo Guamaré só fora pescador ou embarcado.

A bordo, além do mestre: vinha a mulher d'elle, Serafina, por alcunha de Cáttia, um filhinho do casal, dous annos apenas, e a tripulação, uns sete homens.

O mestre, vinha descontente, por causa da tripulação nova. Uma epidemia de bexigas obrigára-o a deixar no Assu os marinheiros da *Flôr da Virgem*, victimas quasi todos da hedionda moléstia. Fora obrigado, à ultima hora, a trazer para o navio, gente desconhecida, embora aiançada pelos donos das salinas.

O chefe da marinagem, Miguel Luiz, inspirara ao mestre profunda antipathia, crescida desconfiança. A ascendencia de Miguel Luiz sobre os companheiros parecia mais da audácia e da força que do prestigio moral. Viera Miguel Luiz da Amazonia, dizia-se filho de portuguez e de india tuxáua. Era feio, porém déstro e forcoso, embora criado à raiz de tucupí, conforme por mofo lhe allegava o mestre. Os outros marujos cagavam tambem do Miguel Luiz; a sorrelha, ridicularisavam-lhe as orelhas de porco cabano, quites a adulação na presença, dispostos a obedecer-lhe. Desde curumim manobrava o jacuman nas profundezas das lagoas. Recrutado para aprendiz marinheiro fugira da escola, vagando pelos recantos do Pará, trabalhando em Obidos, Chaves, Porto de Moz, Vigia e Souzel, havendo quem o accusasse de um crime de morte n'um meio morador do Igarapé Supucú. Elle tinha mesmo geito de quem espera caça do alto do muto.

O brigue-escuna já trazia quinze dias de viagem na manhã de 25 de Dezembro de 1879.

Serafina propuzera se festejasse devotamente o grande dia. Accendera cinco lamparinas diante de Nossa Senhora das Graças, espetara uns côtos de velas bentas nos gargalos

d'umas garrafas, adornara a imagem com flores artificiaes, embora velhas e sujas.

Ajudava-a na faina o Miguel Luiz, não por espirito religioso, mas por perversidade e sensualismo baixo. Nada tinha contido de attraente a pobre Serafina, agordalhada, muito farta da seios, dentes mãos, nariz achatado, cintura grossa.

O Miguel Luiz, porém, achava-lhe encantos e lh'o deixara até entrever. Serafina calara-se com receio de alguma violencia por parte do marido contra o atrevido.

No meio do mar, a flôr das ondas tranquilas, a gente do brigue-escuna dispunha-se a celebrar o natalicio de Jesus, dia festivo, engrinaldado pelos risos da humanidade quasi inteira.

Serafina vestira a filhinha com a melhor roupa. Mestre Guamaré distribuira uma pequena ração supplementar à marinagem, de alcateia a um barilote de cachaça trazido de reserva.

Com o correr das horas accentuava-se a belleza do dia. A paisagem era formada de dous infinitos, o céu a descer arqueadamente azul para o oceano lisamente verde. Nem um ponticulo negro da terra esfumada; apenas os pequenos soluços das ondas no grande choro do mar.

De vez em quando, longe, longe, um bando de aves marinhas, correndo do alto das nuvens ás solidões do pego liguído.

Serafina mostrara desejos de cantar uma ladainha a N. S. dos Navegantes. A maruja, supersticiosa acclatara e a ladainha fôra desfiada com solennidade.

Aquelle côro de vozes humanas, perdidas na immensa vastidão, parecia ora augusto de fragil, ora ironico de mesquinho.

Serafina tomara a serio o papel de puxa-ladainha. A maruja respondia apenas os *rogai por nós*, com o barrete na mão, diante do altar improvisado, onde a piedade de Serafina deixara um Menino Jesus deitado, nas palhas do estabulo classico, choro-mo-lithographia adquirida em algum leilão de prendas de festa popular.

Finda a primitiva cerimonia cultural, seguio-se o jantar. Cada um entrou a contar as tristezas e fadigas da vida propria. O marujo Ambrosino Teira lembrou os folguedos da infancia, os cantos do Natal na Bahia, com as pastorinhas vestidas, o capão e os gageiros para o reisoado da *Não Galtarineta*. Cesario Procuré poz-se a arremedar as moças da Parahyba do Norte quando iam á missa do Gallo em busca de rezas e nannas, Innocencio Ferreiro, de S. Catharina, chorava por um bocadito de peixe de sua terra. Ah! se elle ti-

vesse agora uma tainha do Tubarão! A queixa era articulada deante do oceano a perder de vista.

Contestações erguiam-se, o bairrismo logo se exasperava. Qual, tainhas do Tubarão, peixe havia, do fino, no Amazonas. Mais que em Goyaz? acudia o goyano Chrispim, que com louvores sem fim, exaltava os peixes do Araguaia: os tocunares, os mundys, as pirahybas, os surubys, os jurupensys.

A' conversação seguio-se a musica. Chrispim tangia o violão como ninguém. Começou a cantarolar e, quando a trova agradava, a marinagem repetia-a em côro, com maior ou menor claudicação na metrica, ás vezes já de si coxa.

Vibravam as cordas ao peso de notas tristes ou á carícia de notas alegres. E cantava-se:

«Na capella de teus olhos  
Não devo querer rezar  
Pois alli a penitencia,  
São saudades de matar.»

A estes versos acudia outra trova, mais dorida, mais plangente, mais brasileira:

«Doente de saudades tuas  
Minha alma, a pobre, se foi...  
Que faz meu corpo no mundo,  
Se minha alma já morreu!»

De vez em quando Chrispim pedia uma tregua. Não podia mais, os dedos estavam duros de tanto tocar; aquilo era carne e osso e não nós de driga.

D'ahi ha pouco recommençava a cantarolar, presidida pelo mestre Francisco Guamaré e pela Serafina. Tambem um christão havia de divertir-se, ao menos no dia em que nasceu Nosso Senhor. Não se podia passar a vida a vêr velas envergadas nos carangueiros ou fadadas nos estais. Lá ia outra vez a voz do Chrispim, a sacudir o violão em toadas ironicas:

«Se a cada paixão que nasce,  
Uma igreja repicasse,  
Surda de certo seria,  
Toda a tua freguezia.»

Assim, entre descantes e folguedos, escoou-se o dia de Natal, a bordo do brigue-escuna *Flôr da Virgem*. Para a tarde, como adivinhando ventos, o gatinho da tripulação poz-se a saltar de um lado para outro, inquieto. Toldou-se um pouco o céu, a agua cantou mais forte.

A's seis da tarde, o mestre Francisco Guamaré, receioso de alguma trovada, ordenou que cessasse a festa improvisada. Miguel Luiz respondeu resmungando, acompanhado aliás por protestos geraes.

O mestre falou mais alto, energico sem asperza. Miguel Luiz, já embriagado, olhando de soslaio a Serafina, ergueu a voz ainda em tom mais atrevido. «Venha cachaça, bradou com ira.»

Os companheiros esquentados o

apoiaram. Guamaré, receioso, deulhes ainda uns dedos de alcool, e d'ahi a minutos estegou-se novo grito em tom de ordem: «Mais cachaça.»

O mestre negou-a a'pés juntos. Um sussurro de revolta espumou á tona da indignação geral da gente encachaçada. Serafina tremia, rezando baixinho, sobretudo por vêr Miguel Luiz á testa do motim subito.

«Cachaça! Mais cachaça! era o grito continuo, que já não traduzia desejos nítidos, e sim uma aspiração vaga de sangue e pillagem.

Mestre Guamaré quiz conter a sua gente, mostrou-lhes a inanidade, a loucura de taes reclamações. A tripulação rugia aotinada. Nem pareciam os homens da manhã...

Miguel Luiz avançou para Guamaré, este recebeu, em chelo uma bofetada. Retorquiu tirando da cinta um revolver e alvejando o marinheiro. O golpe falhou. Miguel Luiz subjugou-o. A maruja desnoiteou de todo.

Guamaré quiz lutar ainda, mas os braços possantes do Miguel Luiz o atiraram ao mar onde se submergiu por já muito ferido.

Serafina e o filho ficaram á mercê da sanha da gente de bordo. Ella comprehendeu a sorte que a aguardava, escripta como estava nos olhos sensuaes de Miguel Luiz, agarrou o filho, apertou-o ao peito e, sem que ninguém esperasse, atirou-se ao mar, de um salto, quasi no mesmo logar onde afundara Guamaré.

Era o mar encapellado, uma trovada annunciava-se perto. Nuvens grossas vinham a correr, trazendo chuva em azas de vento. Escurcia antes de anoitecer, noute anticipada e triste.

Miguel Luiz, vendo desaparecer Serafina, fez arriar o escaler, embarcando elle e os seus companheiros em busca da desditosa, quando de subito uma onda enorme estrangou-lhou-se á prôa do escaler e adernou-o completamente. Semi-embriagados, Miguel Luiz e a maruja cahiram ao mar, esforçando-se por voltar ao brigue, o que nenhum conseguiu, baldos de forças pela fraqueza da embriaguez.

O brigue-escuna tocado pelo vento, entrou a correr a todo o panno, deserto, desgovernado, levando a imagem da Virgem, rodeada de luzes que ardião na camara fechada...

A noute cahia, de mais em mais densa, sobre a face do mar etalhada pelos sulcos profundos da resaca.

Um raio riscou as nuvens, o trovão ribombou. Cahia a trovada sobre o oceano, o brigue-escuna, deserto, continuava a corrida ao abysmo, transportando a imagem da Virgem, cercada de luzes que crepitavam na camara fechada, em honra ao Natal...

Escragnolle Doris.

## O MENU DE MEU MARIDO

## PASTEISINHOS DE CARNE

Para fazer a massa. — Tome-se uma chieira de farinha de trigo, uma de agua, quatro ovos, quatro colheradins de manteiga e uma pitada de sal. Para o recheio: Tome-se uma chieira de carne moída, galinha, ou presunto, uma do leite, quatro colheres da farinha, duas de manteiga, cebola e salsa moída, sal pimenta e nozmoscada ralada em quantidade sufficiente para dar-lhe sabor. Derreta-se no fogo a manteiga misturada com a farinha, deixando o leite de pouco em pouco mexendo sempre no fogo até que cosinhe por uns cinco minutos. Então delta-se a carne picada, e os condimentos e continua a cosinhar por mais cinco minutos. Para fazer a massa ponha-se ao fogo uma cacarola com agua e a manteiga e quando estiver fervida ajunta-se a farinha e bate-se suavemente. Continua-se a cosinhar a fogo lento até que a massa despegue-se completamente da cacarola. Dixa-se esfriar em pouco batendo-se os ovos dentro um por um e adicionando-se um pouco de sal. A massa deve repousar por espaço de uma hora; façam-se pequenos bolos e punham em um taboleiro de forno para assar tendo cuidado de guardar uma distancia de cinco centimetros um do outro. O forno deve ser brando e quando os bolos estiverem bem leves estão assados. Em seguida abre-se um lado e tira-se algum pedaco de massa que haja dentro do bolo. Enche-se os pastels que podem ser servidos quentes ou frios.



Pasteisinhos de carne

## MERENGUES DE ARROZ COM LARANJAS

Tome-se uma chieira de arroz, uma do agua, quatro de leite, meia de assucar, um limão, seis laranjas doces, uma libra de assucar, tres ovos e duas colheradins grandes de nozmoscada. Lave-se o arroz, delta-se ao fogo em uma cacarola que contenha bastante agua quando a ferver. Em seguida escorra-se toda a agua e ajunte o leite, o sumo do limão e a metade do assucar, deixando que o arroz se cosinha lentamente até que haja absorvido todo o leite. Cortam-se bem delgadas as cascas das laranjas e com um pouco de assucar faz-se uma calda que tenha o aspecto de mel. Depois separam-se os gomos das laranjas tirando a polpa e as sementes, dividindo-os em pedacos menores. Estando o arroz cozido deixa-se esfriar um pouco e adicionam-se as gemmas dos ovos. Colloque-se então o arroz em uma cremenla estendendo-o até a beira. Arranjam-se no centro os gomos



Merengues de arroz com laranjas

das laranjas regando-os com o xarope. Em seguida batem-se as seis claras que ficaram até que formo uma espuma espessa acrescentando-lhe o assucar que sobrou e batendo outra vez por dois ou tres minutos. Delta este merengue sobre os gomos das laranjas e ponha-se em forno brando para que toste um pouco.

## TIGELADA DE BATATAS

Cosinam-se algumas batatinhas em agua e sal corta-se em fatias. N'uma cassarola derrete-se uma colher de manteiga, junta-se uma de farinha de trigo mexe-se bem, um copo de leite deixa-se ferver mexendo-se sempre, tira-se do fogo e junta-se duas gemmas de ovos, quatro colheres de queijo ralado sal e pimenta. N'um prato que vá ao forno põem-se um pouco d'esto molho, uma camada de batatas, sempre até acabar; encima um pouco de pó de pio e queijo ralado, vai ao forno tostar.

## ROSQUINHA ESPECIAL

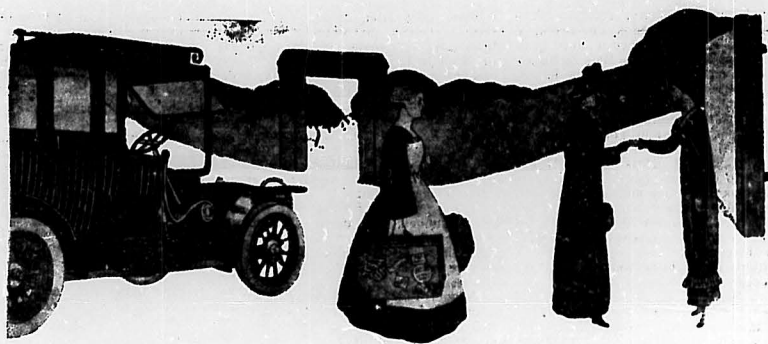
Em um copo de leite frio ponha-se uma colherinha de cremor de tartaro e deixa-se despaçar um hora. Findo esse tempo mistura-se tres copos de farinha de trigo peneirada, uma colher grande de assucar, uma de manteiga e meia de banha ou gordura gelada. Uma colherinha de sodio e uma de sal bem chela. Amassa-se muito bem até arebentar bolhas, faz-se as rosquinhas um pouco finas, vão ao forno bem quente em assadeiras não untadas até que fiquem torradinhas.

## BOLINHOS DE QUEIJO

Quatro claras bem batidas, junta-se as gemmas, quatro colheres grandes de queijo ralado, quatro de farinha de trigo não muito chelas, sal; mistura-se bem. Frita-se em gordura quente podendo-se as colheradas. Serve-se com assados.

## BOLO DE UM OVO

Duas chieiras de chif de assucar, meia de manteiga fresca, bate-se bem; uma chieira de leite, duas e meia de farinha de trigo. Duas colheradins de Baking-powder, uma de baunilha. Mistura-se bem, forma untada de manteiga e forno quente.



## UM HOSPEDE DE LUXO POR Marcelle Tynaire

Era pouco mais das 9 da manhã quando minha vizinha, a senhora Bernard, entrou-me pela casa a dentro, atarantada e nervosa com a chegada de uma carta, que lhe anunciava a próxima visita de uma rica prima, que vinha passar alguns dias em sua casa, para gozar do repouso do campo. Minha amiga tinha poucos recursos e uma casa modestíssima. Vinha pedir meus conselhos sobre o caso. Como receber dignamente uma parente rica, com tais elementos?

**A** CALMEI-A e combinei um encontro para mais tarde, para ajudá-la a preparar a hospedagem. Effectivamente fui, à tarde, visitá-la à sua casita, mimosa e delicada, situada numa curva da estrada.

O jardim era outr'ora apenas uma horta. Está agora todo florido de rosas e adornado com verdes canteiros de relva. A única sombra que o suavizava era a que projectavam algumas macieiras e cerejeiras. O senhor Bernard enriqueceu-o com lindos arbustos de folhas prateadas e avermelhadas, de crescimento rápido e que compoem, em qualquer estação do anno, uma agradável symphonia de cores. A casa é internamente dividida por um corredor. Tem uma sala de jantar, uma grande cosinha, uma copa e um pequeno salão, baixo e fresco, si bem que um tanto sombrio. Tres quartos e um gabinete de toilette formam o 1.º andar, sob um tecto de telha van, que substituiu o avelludado escuro do tecto primitivo da choupana.

O mobiliário é esquisito; a decoração rudimentar ou inexistente. Vê-se logo que os donos da casinha quasi que esvasiaram os bolsos quando pagaram o tabellião e o empreiteiro. Mandaram fazer somente os concertos mais necessários e indispensáveis. Aproveitaram todos os trastes velhos que possuíam. Não os censuro por terem sido prudentes, e ha trastes velhos encantadores!... E quando elles são atraentes, e são chamados antiguidades, tornam-se objectos de luxo.

O casal Bernard remexendo os guardados de uma tia e de uma avó condescendentes, não encontram senão tarcos, de aquelles que os antiquários desprezam e que nunca serão "pechinchas" para os amadores. Havia na sala de jantar, uma mesa redonda, um buffet de acajou; na sala de visitas, duas cadeiras de braço e um sofá coberto de veludo vermelho, e nos quartos uma cama, uma toilette em X com marmore cinzento e um espelho oval. Mme. Bernard completou esse mobiliário digno de um burguez de pequena cidade, juntando algumas cadeiras de vime, um divan, almofadas e diversas mesinhas, umas laques e outras envernizadas. O conjunto era agradável pela frescura das grandes cortinas de mousseline e pela alegria que lhe davam as flores, collocadas em bonitos vasos de vidro e de louça.

— Isto é provisório, disse-me ella mostrando o

mobiliário, como para se desculpar. E acrescentou com um suspiro: Provisorio e horroroso!

Eu penso tambem que essas velharias de Luiz Philippe e do Segundo Imperio nada têm de bonito.

— Vosso marido concedeu-vos por certo, para este caso, um credito supplementar, como aquelles que as Camaras votam quando um soberano estrangeiro annuncia a sua visita official, — disse-lhe eu.

— Sim, tenho um pequeno credito e aproveitaremos das circumstancias para fazer alguns melhoramentos duraveis, além das despesas para o embelezamento momentaneo, os quaes interessarão directamente á nossa visitante. Eu quero offerecer-lhe um bom jantar e um quarto commodo e alegre.

Paramos na entrada do jardim.

— Veja, disse-me minha amiga, como estes canteiros de grama estão bem aparados, estas alamedas estão bem tratadas e cobertas de erva, e o nosso jardimzinho com uma esplendida variedade de flores de Junho. Parece uma fação campeza. Vamos utilizar-nos das parreiras, bravas e do lupulo que estão trepando naquella grade, para fazermos um carramanchão. Mandarei pintar de branco as cadeiras de madeira e de ferro porque a tinta verde torna-se muito feia, quando desbotada.

Como os muros estavam muito mal rebocados, aconselhei minha amiga que mandasse fazer uma armação de madeira que não somente o occultaria, como tambem, serviria de suporte para as roseiras e trepadeiras e que se podia mandar fazer economicamente com madeira bruta sem pintura e por qualquer operario.

Ja vimos a casinha por fóra; vamos agora examinar detalhadamente cada um dos seus commodos. A cosinha offerece um interesse secundario. É uma cosinha de campo, com uma chaminé muito alta, um fogão enegrecido pela fuligem e uma prateleira de ferro. Chaminé tão interessante, não servia para nada! Lá estava como uma lembrança, como um monumento historico, mais pela poesia do que que pela utilidade. Um forno moderno pratico e feio, occupava um angulo, perto da janella. Achamos conveniente deixar a cosinha com esse caracter rustico que tem tanto encanto, e accentuá-lo mais ainda, decorando a janella com uma cortina de quadradinhos brancos e vermelhos, e a chami-

(Termina na pagina 29)



## AS PRIMEIRAS

## NEVES

Guy de Maupassant

**O** largo passeio de Croissette arredonda-se á beira da água azulada. Ao longe, á direita, o Esterel, adianta-se pelo mar, berrando a vista, fechando o horizonte, com o lindo scenario meridional de seus pinheiros pontudos, numerosos e bizarras. Á esquerda, as ilhas de Santa Margarida e Santa Honorata, deixam ver as costas cobertas de peninsulas. E ao longo das grandes montanhas situadas em torno de Cannes, as villas, de aspecto branco, parecem adormecidas ao sol.

Casas brancas, espalhadas pelos montes, mancham de neve, a vegetação sombria. As mais proximas d'agua abrem seus jardins sobre passeio que as ondas tranquillas vêm banhar.

Faz um tempo suave e calmo. Por cima do mar e dos jardins, vêm-se laranjeas e limoeiros cheios de fructos de ouro.

Mulheres a passo lento vagam pela areia da Avenida, onde creanças rolam arcos.

Uma moça acaba de sahir da sua pequena casa linda, cuja porta dá para Croissette. Para um instante e olha os que passam. Sorri. E numa attitude de canção, senta-se a um banco em frente do mar. Cançada de ter dado vinte passos!... Seu rosto é de uma palidez de morte. Tosse e leva aos labios os dedos transparentes, como para deter a afflicção que a esgota.

Olha o céu cheio de sol e andorinhas, os pinheiros caprichosos do Esterel ao longe; e perto, bem perto, o mar tão azul, tão tranquillo e tão lindo. Sorri e murmura: — Como sou feliz!

Sabe, entretanto, que vae morrer, que não verá mais a primavera; que, para o anno, naquella mesmo passeio, aquellas mesmas pessoas que por ali passam, voltarão a respirar o ar sadio dessa terra suave, com os filhos já crescidos, o coração cheio de esperança e felicidade, emquanto, no fundo de um caixão de madeira, a sua pobre carne apodrecerá e sob o vestido de seda que já escolheu para mortalha, estarão apenas os ossos. Todas as cousas da vida continuarão para os outros. Para ella tudo tera acabado, para sempre.

Sorri e respira fortemente, com os pulmões doentes, o ar perfumado dos jardins.

E pensa.

Lembra-se. Casaram-na, faz quatro annos, com um fidalgo normando. Era um rapaz forte, barbado, hombros largos, espirito curto e humor alegre. Juntaram-se por certas razões de fortuna que ella nunca percebeu. De muito boa vontade, teria dito — não —, mas com um movimento de cabeça, disse — sim — para não contrariar os paes.

Era parisiense, alegre e feliz de viver. O marido levou-a para o seu castello normando. Era uma velha construção de pedra, cercada de grandes arvores velhas. Um bosque de pinheiros altos, não deixava ver alcm. A' direita, uma clareira, dava para o campo, que se estendia vasto, até ao longe. Um caminho passava deante da barreira e ia ter á estrada principal, distante tres kilometros.

Oh! lembrava-se de tudo: a sua chegada; o primeiro dia na residencia nova e depois a vida isolada. Quando desceu do carro e olhou para a velha construção disse:

— Isto aqui não é alegre.

O marido ris e respondeu:

— Ora! has de habituar, verás! Eu não me aborreço aqui.

Passaram este dia entre beijos e ella não achou o tempo muito longo. No dia seguinte recomçaram e toda a semana correu assim, carinhosamente. Depois, começou a organizar o seu interior.

Foi trabalho de um mez; os dias passavam e ella se absorvia nas suas occupações insignificantes. Aprendia o valor e a importancia das pequenas cousas da vida. Soube que devia interessar-se pelo preço dos ovos, que custam mais caro ou mais barato, conforme as estações.

Era o estio, então. Elle partia para os campos a assistir á colheita do trigo. A alegria do sol entretinha o seu coração.

Veto o Outomno. O marido começou a caçar. Sahia de manhã com os dois cães — Medor e Mirza.

Ella ficava sosinha, sem tristeza, entretanto pela ausencia de Henry. Gostava delle, mas não lhe fazia falta.



Quando voltava da caça, os cães absorviam seus cuidados. Era ella quem tratava delles, com uma afeição de mãe; acariciava-os, chamando-lhes nomes ternos, que nem se lembrava de dar ao marido.

Elle, quasi sempre contava-lhe as caçadas; indicava-lhe o lugar onde encontrara as perdizes e admirava-se de não ter encontrado lebres nos terrenos de Joseph Ledentu ou parecia indignar-se com o procedimento do sr. Le Chapelier, do Havre, que se metia sempre pelas suas terras para aproveitar a caça levada por elle, Henry de Parville.

E pensando em outra cousa, ella respondia:

— Na verdade, isto não se faz.

Chegou o inverno, o inverno normando, frio e chuvoso.

As intermináveis chuvas caíam sobre a ardósia do telhado anguloso. Os caminhos pareciam rios de lama e o campo uma planície de lama. E apenas se ouvia o barulho da chuva a cair; nenhum movimento a não ser o do vôo dos corvos, que se desenrolavam como uma nuvem, descia ao campo e depois tornavam a partir. Pelas quatro horas, o bando de aves sombrias vinha empoleirar-se nas grandes arvores à esquerda do castello, soltando gritos ensurdecedores. E durante quasi uma hora voavam, pareciam bater-se, grasnavam, pondo na ramagem cinzenta uma movimentação negra.

Elle contemplava-os, todas as tardes, o coração apertado pela melancolia da noite cahindo sobre as terras desertas. Depois pedia que trouxessem luz e aproximava-se do fogo. Queimava montões de lenha, sem conseguir aquecer aquellas peças immensas invadidas pela humidade. Sentia frio todo o dia, na sala, nas refeições, no quarto; parecia-lhe que o frio penetrava-lhe até aos ossos. O marido só voltava para jantar, pois andava caçando ou occupado com as sementeiras e os trabalhos do campo.

Entrava contente e enlameado, esfregando as mãos e dizendo:

— Que mão tempo.

Ou então:

— Como é bom ter fogo.

A's vezes perguntava:

— Que dizes hoje? Estás contente?

Era feliz, passava bem, não sonhava com outra cousa além daquella vida simples, sadia e tranquilla.

Em Dezembro, quando chegaram as neves, ella soffreu de tal modo com o ar do castello, do velho castello que parecia ter-se resfriado com os seculos, como a gente com os annos, que disse uma noite ao marido:

— Bem podias mandar instalar aqui um calorifero. Aqueceria as paredes. Asseguro-te que não me posso aquecer de manhã á noite.

A principio elle ficou espantado com esta idéa de instalar um calorifero no seu solar. Talvez, lhe parecesse mais natural servir a refeição de seus cães em pratos rasos. Depois riu, repetindo:

— Um calorifero aqui! Um calorifero! Que bôa pilheria.

— Asseguro-te que se se gela aqui. Não percebes isto porque estás sempre em movimento. Mas affianço-te que aqui se gela.

Elle respondeu rindo sempre:

— A gente se acostuma. Demais é excellente para a saúde. Só te poderá fazer bem. Não somos parisienses para vivermos entre brazas. Além disto a primavera está a chegar.

\*\*\*

Pelos começos de Janeiro, ella soffreu uma grande infelicidade. O pai e a mãe morreram num accidente de carruagem. Veio a Pariz para os funeraes e durante seis mezes o terrível desgosto dominou seu espirito.

A suavidade dos dias lindos acabou reanimando-a. E deixou que a vida corresse numa triste languidez até o outono. Quando voltaram os frios, ella percebeu, pela primeira vez, o futuro sombrio.

Que faria? Nada... Que aconteceria mais? Que esperança poderia reanimar seu coração? Nenhuma.

O medico consultado, declarou que não teria filhos.

Mais aspero, mais penetrante ainda do que no outro anno, o frio fazia-a soffrir. Estendia sobre as chammass suas mãos tremulas; o fogo chammejava aquecia-lhe o rosto. Mas o ar gelado parecia resvalar pelas suas costas, penetrar entre a carne e o vestido, e ella tremia entre a carne e os pés. Innumeras correntes de ar, pareciam installadas nos seus aposentos; correntes vivas, disfarçadas, encarnigadas como inimigos. Encontrava-a todo o instante e sem cessar sopravam-lhe, ás vezes nas mãos, ás vezes no rosto, ás vezes no pescoço, o seu odio perfido. Então ella fallou de novo no calorifero. Mas o marido a ouviu como se ella lhe tivesse pedido a lua.

A installação de tal aparelho em Parville, parecia-lhe tão impossivel como a descoberta da pedra philosophal. Tendo ido a Rouen trouxe para a mulher um pequeno aquecedor, a que elle chamou, rindo, de calorifero portatil. E julgou que isto, de ora em diante, bastaria para impedi-la de sentir frio.

Pelos fins de Dezembro comprehendeu que não poderia viver sempre assim. E uma noite timidamente tornou a pedir:

— Diz-me, meu caro? Não poderíamos passar uma ou duas semanas em Pariz antes da Primavera. Elle ficou espantado:

— Em Pariz? Mas para fazer o que? Aqui se está perfeitamente. Que idéas exquísitas ás vezes!

Ella balbuciou:

— E' que isto me distrahiria um pouco.

Elle não comprehendia:

— Que é preciso para te distrahir: Theatros, soirées, jantares na cidade? Bem sabias, quando vieste para aqui, que não devias esperar distracções desta natureza?

Ella viu uma censura nestas palavras e no tom em eram ditas, e calou-se. Era tímida e doce, sem revoltas e sem vontade.

Em Janeiro os frios voltaram com violencia; depois, a neve cobriu a terra. Uma noite como viesse uma grande nuvem de corvos que se espalhava pelas arvores, contra a sua vontade, chorou. O marido entrava e perguntou surprehendido:

— Que tens?

Elle era completamente feliz e nunca sonhara outra vida e outros prazeres. Tinha nascido naquella triste residencia, achava-se muito bem em sua casa, á sua vontade, de corpo e de espirito. Não comprehendia que se pudessem desejar outros acontecimentos, ter sede de alegrias diferentes. Não comprehendia que não parecesse natural a certas pessoas ficar nos mesmos lugares durante as quatro estações. Não parecia saber que a primavera, o estio, o outono e o inverno têm prazeres novos em lugares novos.

Ella não podia responder e limitava-se a enxugar as lagrimas. Por fim balbuciou:

— Estou um pouco triste; aborreço-me um pouco. Mas um terror a assaltou por ter dito isto e retorquiu depressa:

— Depois, sinto muito frio...

A esta phrase elle se irritou: — Ah! sim! sempre esta mania de calorifero! Mas vejamos! Tu nunca apanhaste nem uma constipação depois que estás aqui.

A noite chegou. Ella subiu para o seu quarto separado. Deitou-se. Mesmo na cama sentia frio. E pensava: — Isto será sempre assim! Sempre, até á morte!

Pensava no marido. Como tinha podido dizer-lhe isso:

— Tu nunca apanhaste uma constipação, depois que estás aqui.

Era preciso então, que ella ficasse doente, que tossisse, para que elle comprehendesse que ella estava doente. E uma indignação a assaltou, indignação exasperada do fraco e do tímido. Era preciso que tossisse; então, teria pena della. Pois bem, tossiria. Elle a ouviria tossir. Seria preciso chamar um medico. E o marido havia de ver tudo isto. Levantára-se de pés e pernas nuas e uma idéa infantil fel-a sorrir.

## A VIDA COMMENTADA

### AS APPARENCIAS

III

RAYMUNDA

Após o jantar, jogaresse o "brinde", não montava o p'oste humilhado.

Gustavo, mettido no seu smoking, parecia orgulhoso, sentindo ao canto do olho a "famula" Raymunda e corria humilmente os olhos pelos joelhos da filha, quando lhe apparecia um credo:

— A Raymunda pede o obsequio de ir não ao cabalote, mas ao casino, disse-lhe elle.

E Gustavo levantou-se, sahiu, subiu para o primeiro andar.

Após os dois parentes da esposa, parou-lhe o coração diante a porta. De dentro respirava o calor.

Entre! — E elle entrou, encontrando-a, diante do espelho, de tres partes, a pararse d'alto abaixo, numa pequena vestida de seda "canarim", e pelo narizinho de suas repousas, que lhe mandava a constipação dessa tarde, que não passava a malagou.

E Raymunda, olhando admirada, parecia com um sorriso de despeto:

— Que homem éu magdo!... Nem sequer te capaz de notar que estou a vestir um vestido novo...

Gustavo, alçando os hombros, retrahiu:

— Porque bem sei que os meus cumprimentos te são completamente indifferentes...

— Isso é a verdade; tens tão mau gosto!

E tomando de cima do tóncal uma corolla, collocou-a em graça á altura do seio:

— Mas, não te quero tomar o tempo. O motivo por que te mandei chamar é o seguinte: vou, já jantar, entre outros amigos meus, o Vasco da Silva...

— Oh! eu! O Vasco da Silva?... prometto com Gustavo com enfado.

— Sim, o Vasco da Silva! Acredito que não seja elle uma aguja, mas é um dos rapazes distintos que nos frequentam a casa. — e, a mim, me pesa o molto honico e impertinente pelo qual costumam sempre tratá-lo. Eu queria, Gustavo, que, a partir de hoje, cessasses, de vez, com essas brincadeiras!

— Oh! Podes ficar tranquillá, minha cara! Farei o que me pedes! Mas, devo prevenir-te: aos poucos, não hei-de ir tornando ouido e quedo a tua mesa... Não sei mais conversar com os teus commensaes... Ah! os todos muito chistos, muito elegantes, mas, incapazes de me comprehendem... Não te quero magoar, direi mesmo: são de um "ferre de terre" insupportavel!

E, traçando um trecho d'opereita, foi elle ate a janella: correm um pedaço a cortina, e disse entre si:

— Que saudade, por vezes, tenho de uma boa palestra, de uma palestra intelligente!

Raymunda mostrou-se contrariada: engeinou na cara um tregado d'alvorrecido:

— Sempre me vem com as mesmas queixas! — observou. — Parece que te achas infeliz; no entanto, tu es um dos homens que S. Paulo mais inveja!

— O que prova, minha cara, que a vida só vale pela apparencia!... E' natural que me invejem! Não sou eu teu marido!

— Não vivo a nadar no teu dinheiro!

— Então, que mais queres?

— Agora, nada mais!

E, depois de um momento, ajuntou Gustavo:

— Que mais havia eu de querer, se tudo sacrificiei!

— Se tudo sacrificiei!... fez ella um esgar d'espanto, deitandolhe sobreabundantemente um olhar.

E elle, que se sentira ao pé de uma pequenina mesa, tinha o ar pensativo, o rosto apoiado a uma das mãos, levantou-se, supplicando-lhe:

— Raymunda! Escuta! Não te zangues! Fallamos os dois amigos, como dois bons camaradas...

E pousou a dar passadas, ao longo, no appartamento, — por vezes de calça baixa, as mãos mettidas nos bolsos do



casaco, e, com a mão esquerda, tocava a cabeça, e a direita, tocava a cintura.

— Então, estás contenta com a tua vida? — perguntou elle.

Ella não pôde responder, e elle, com a mão esquerda, tocava a cabeça, e a direita, tocava a cintura.

— Não tens mais nada a dizer-me? — perguntou elle.

Ella não pôde responder, e elle, com a mão esquerda, tocava a cabeça, e a direita, tocava a cintura.

— Não tens mais nada a dizer-me? — perguntou elle.

Ella não pôde responder, e elle, com a mão esquerda, tocava a cabeça, e a direita, tocava a cintura.

— Não tens mais nada a dizer-me? — perguntou elle.

Ella não pôde responder, e elle, com a mão esquerda, tocava a cabeça, e a direita, tocava a cintura.

— Não tens mais nada a dizer-me? — perguntou elle.

Ella não pôde responder, e elle, com a mão esquerda, tocava a cabeça, e a direita, tocava a cintura.

— Não tens mais nada a dizer-me? — perguntou elle.

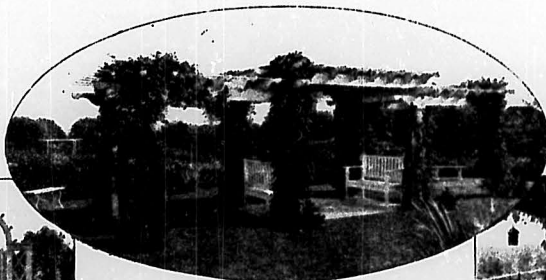
Ella não pôde responder, e elle, com a mão esquerda, tocava a cabeça, e a direita, tocava a cintura.

(Villa Fortunata)

René Thiollier

# Terraços e jardins

Embeleze vossa casa e nella viverá a felicidade.



Cultive as virtudes e as flores; umas e outras enaltecerá vossa feminilidade.



Oferecemos hoje às nossas leitoras algumas interessantes decorações de jardins e de terraços, feitas com clematites, madressilvas, rosas e diversos outros tipos de trepadeiras. O nosso primeiro clichê, ao alto, representa um carramanchão aberto, com duas áreas laterais para as crianças brincarem e uma área central, com bancos, para os adultos. É muito econômico, muito elegante e de facilíssima construção. Nuns dos clichês laterais vemos

um modelo de porta de separação entre o jardim e o quintal, cujo superior deverá ser coberto pelos ramos de uma clematite. Representa o outro clichê lateral a decoração de um terraço. Mobiliário de vime; ipomueas e roseiras nas platibandas e ao centro uma lampada chinesa. A gravura central é de contraste, mostrando o mau gosto da decoração de uma porta de entrada. Além de confusa torna quasi inacessível a entrada.



A gravura da esquerda é um lindo canto de sombra, para leitura e meditação. Não há nada de prego. Uma armarção de sarrafos em forma de concha, para ser coberta por uma trepadeira. Um banco simples, uma mesinha, e um giradassol de campo. A gravura da direita, é um arco decorativo para a entrada da alameda principal de um jardim. Qualquer dos nossos desenhos pode ser executado em casa com grande economia.



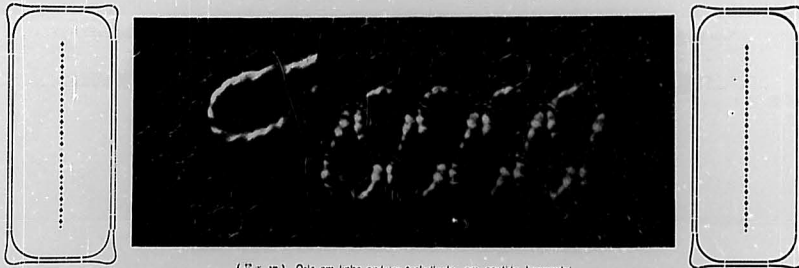
Ex.ª Sr.ª D. VIRGILINA DE SOUZA SALLES  
♦ ♦ ♦ NOSSA QUERIDA DIRECTORA ♦ ♦ ♦



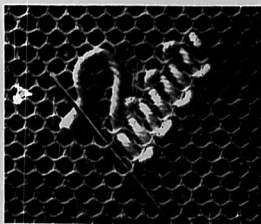


## TRABALHOS DE AGULHA

BORDADO SOBRE FILO (Continuação)



(Fig. 17.) Orla em linha ondulada trabalhada em sentido horizontal



(Fig. 18.) Orla ondulada trabalhada em sentido obliquo

**Orlas.** Reproduzimos hoje, todos os pontos de ornamento que temos empregado para nossos modelos.

As figuras 17 e 18 indicam a execução de uma orla em linha ondulada, que é feita a ponto de seguimento.

A figura 17 mostra o efeito que produz o trabalho executado em filô grosso.

As figuras 19 e 20 explicam a maneira de bordar uma orla com cravos que é trabalhada em uma



(Fig. 20.) Orla com cravos em direcção obliqua

carreira indo e voltando, e a figura 21 uma orla bordada com cravos em uma carreira simples.

A figura 22 mostra a execução de uma orla a ponto de espiga, trabalhada em uma só fila a pontos lançados; a orla a ponto de espigas, fig. 23, é trabalhada em duas voltas e ao ponto de seguimento.

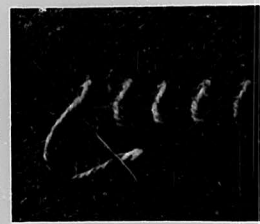
A orla serpentina, fig. 24 é feita de novo em uma só fila, enquanto que a orla dentada fig. 25, precisa duas filas de ponto de festão, uma se entandando em outra.



(Fig. 21.) Orla com cravos em direcção vertical

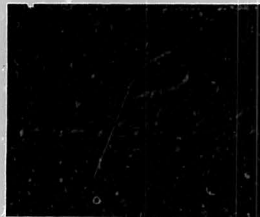
**REMESSAS PELO CORREIO:**—Atendendo ao pedido de grande numero de leitores resolvemos enviar às nossas leitoras do interior, os artigos necessários para trabalhos de agulha. Todos os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importância e mais 600 réis para porte. Os artigos que não puderem seguir pelo Correio, serão enviados por estrada de ferro, frete a pagar.

**Ricos albums de modelos.** Tamanho grande gravuras nitidas e desenhos irrepreensíveis, para trabalhos, a saber: **Filô Richelli**, um 45000. — **Ponto de cruz, colchete** — Bordados sobre estamine — um 45000 a serie de tres 118000. — **Bordados sobre estamine colchete**, um 28500. — **Filô bordado**, um 28500. — **Renda de Tenise ou inhandaly**, um 35000. — **Renda renascença com desenho em panno**, um 52000. — **Rendas e franjas macramé**, um 22500.



(Fig. 22.) Orla com pontos de espiga simples

**Renda feita em grampo sobre filo**, um 28000. — **Bordados sobre Filô**, ou **labiryntho**, um 28500. — **Desenhos ponto de talayaxa de cruz colorido**, **cria labiryntho** modelos grandes, cada um 600 réis. (Temos uma grande variedade) — **Lã para tricô e crochê**, **preto**, **avesso** de 20 grammas, 500 réis. — **Linha branca para crochê** em pacotes de 1/2 de kilo, 35000. — **Linha para renda irlandesa em avesso**, cada uma 800 réis. — **Calço de lã** **varias cores em pacotes de 20 metros**, cada 48500. — **Sanduras para blusas transparentes o par** 48000. — **Veludo de seda**: **artigo superior**, azul claro proprio para trabalhos, metro 52000. — **preço de avesso**. **Cordão de seda**, **grosso**, metro 100 réis, **idem um pouco mais fino**, 500 réis, **papel chinês para desenhos**, cada folha 500 réis.



(Fig. 23.) Orla com ponto de espiga duplo.

COMO ENFEITAR MINHA CASA  
TRABALHOS DE COURO REPOUSE

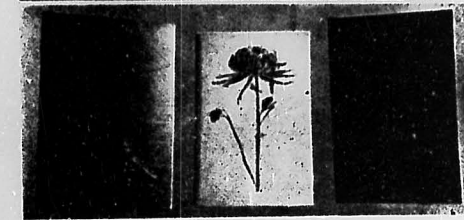
Em continuação as considerações que fizemos, em um de nossos numeros passados sobre os trabalhos em relevo, vamos dar hoje o methodo que nos parece mais simples, entre os que são empregados para os trabalhos de couro repousé.

Lava-se primeiramente o couro com uma boneca de panno humedecida em agua; é preciso lavar rapidamente para evitar que o couro fique manchado.

Sobre o couro ainda humido applica-se o decalque e com o auxilio de um estyete fazem-se os traços do desenho.

Uma vez transportado o desenho, colloca-se por baixo do couro, uma folha de papel de calcar, com a parte de tinta para cima. Calca-se então com um estyete todo o desenho que está no couro, que ficará reproduzido no avesso do couro, que receberá a tinta do papel de calcar.

Obtem-se assim no avesso do couro todo o desenho. Calca-se com o mesmo estyete o desenho do avesso, virando o couro. Obtem-se assim no direito todo o desenho, em repousé. No avesso ficam as depressões correspondentes às saliências do direito. Enche-se estas depressões com um pouco de serragem de madeira misturada com colla, formando uma especie de cimento que se deixa secar. Terminada esta operação applica-se um papel de seda sobre o avesso e vi-



TRABALHOS EM COURO REPOUSE

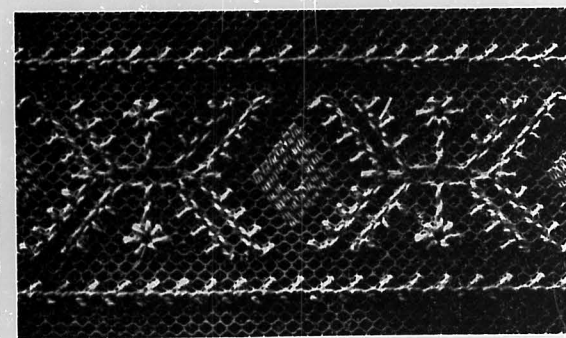


modo que a cor natural do couro não appareça. Para isto é necessario applicar camadas successivas de tintas, deixando secar uma, para applicar outra.

Quando se empregam as cores chamadas de couro, é preciso misturalas em agua e não procurar os tons concentrados, senão pela superposição de diferentes camadas de tinta, unico meio para evitar manchas e desigualdades.

Podem-se superpor camadas de tons diferentes.

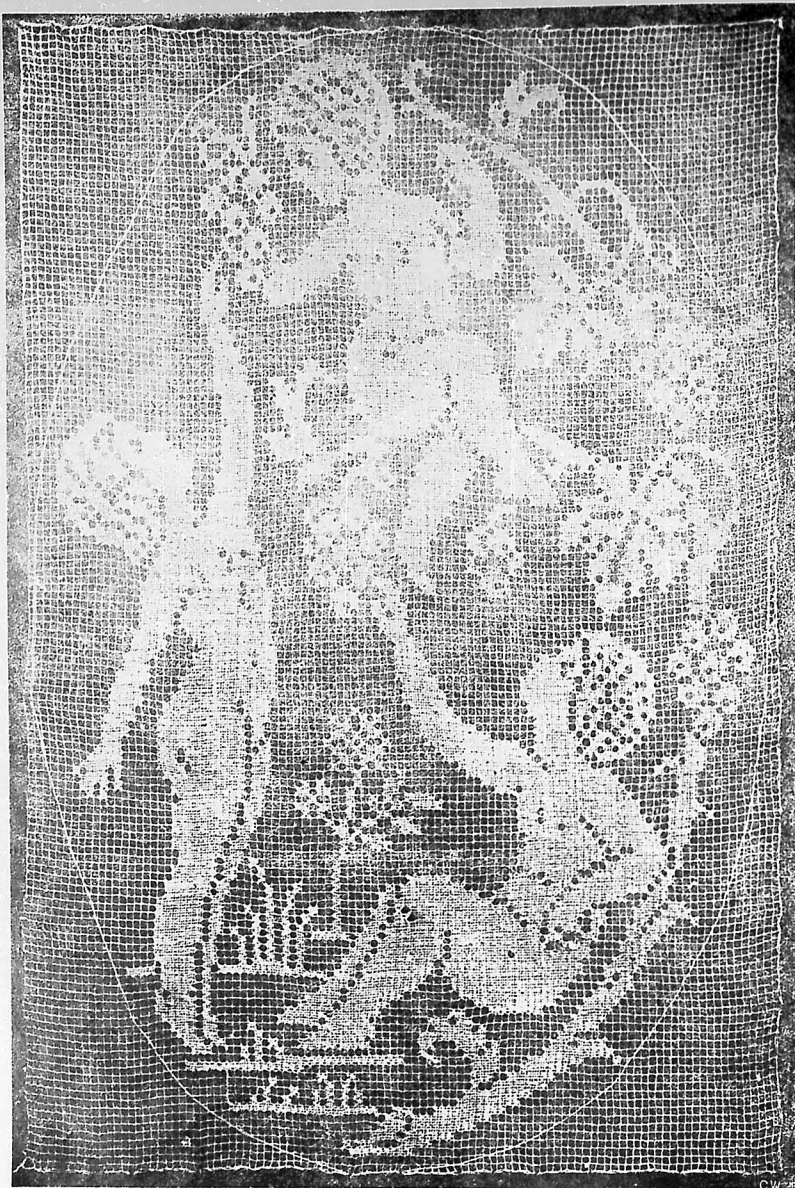
E' preciso sempre molhar o trabalho e nunca o deixar secar enquanto se está estendendo um tom. A folha de couro deve estar sempre ligeiramente humedecida durante o trabalho. Obtem-se muito



ENTREMEIO DE FLO' PARA R UPA BRANCA

Continúa a pagina 26.





OUTONNO E VIDIANT

É o original modelo de uma linda incrustação em filé, bordado a ponto de tecer. Pode ser utilizado para centro de mesa, flores etc.



## Carta a uma noiva

«Minha querida irmã,

Acabo de receber a notícia de teu noivado e apresso-me em enviar-te duas ou três considerações sobre o assumpto. Peço-te que as leias com attenção e que si alguma duvida te suscitar, não te arreceses de confial-as a teu noivo, antes do passo decisivo que ambos ides dar. Conheço teu noivo. Foi meu companheiro de collegio. Excelente rapaz:—Nunca brigou com os collegas e nunca se arrelhou contra os mestres. Sua forma de ser era pacifica, com uma disciplina de relativa altivez, que não ia até a submissão. Não tenho duvidas sobre elle, para marido e dos bons. Tenho-as quanto a ti e, por mais espanto que esta minha affirmação te possa causar, vou-tas dizer, com a auctoridade de um irmão casado e já ha annos. Estás agora num verdadeiro delirio de alegria amorosa. Alegria, excitação e «paixão de amor». Guarda bem estas tres palavras. Tiveste alguns mezes de namoro, porcerto, antes do pedido, de que me dás noticia. Nesses mezes deliciosos, e nos que se succedem até o dia do casamento — as conversas deste ou daquelle par, são invariavelmente deliciosas.

Pensa-se em arranjar o «ninho», sonha-se com a casinha, com o enxoval, com o mobiliario e cada um desses detalhes abre para o coração dos noivos uma janela doirada de sol, para a paisagem de uma vida nova, toda de encantos, com «jantarrinhos» a dois, na tepidez de uma saleta, com longas horas de espera enquanto o marido vae a negocios, cujo tedio se compensa, em risos festivos quando se vê de volta o encanto de nosso amor... Tudo isso vocês dois falaram e vocês dois sonharam e tudo isso lhes sahirá á medida do sonho, durante os primeiros mezes de casados, quicá durante o primeiro anno.

— Ah, não! Não! — me estás a responder — Faremos que nossa lua de mel se prolongue por toda a vida. Eu e Carlos queremos-nos como doídos. Ainda hontem, Carlos asseverou-me que si algum dia me visse chorar, era capaz de matar-se... Havemos de rir, felizes, toda a vida.

Ouviste Carlos, que é noivo e tu; ouve-me agora a mim, que sou casado e teu irmão mais velho. O que elle te disse e o que vocês se disseram, dizem todos os que estão noivos; eu e minha mulher dissemos as mesmas coisas, um ao outro; porem nem elles — os todos — fizeram, nem nós, fizemos, nem vos fareis, metade do que foi dito durante o noivado.

E sabes porque? Porque é phisicamente impossivel, fazer a argamassa da realidade com a nevoa do sonho. A vida não pode ser vivida nas nuvens; o ar excessivamente rarefeito não lhe é, lá, conforme. Tu e Carlos fareis exactamente o que têm feito todos os demais viventes e tereis que fechar o lindo romance do noivado, alguns mezes após o casamento.

A lua de mel não é eterna e o proprio mel, apesar de ter sempre igual doçura, diz o rífico, quem nunca o comeu, quando o come, fal-o em tal demasia, que delle logo se aborrece... Uso desta locução para não dizer que os noivos se enlambuzam de lyrismo, o que te faria apodrar mais uma vez de materialismo grosseiro, a minha calma e exacta comprehensão da vida.

Após as primeiras semanas, as pequenas fraquezas de teu Carlos — felizes as que só as têm pequenas — virão á superficie e por coincidência, ao mesmo tempo que igual phenomeno se dará com as tuas... Então Carlos deixará de ser o teu pequeno Deus de agora e tu deixarás de ser, para elle, a mais encantadora das mulheres, que Carlos em sua vida conheceu...

— Duas linhas em branco —



Então... Este «então» pode ser ainda addiado si... um enxoval de «bébé» coincidir com o apparecimento das primeiras jaças, no lindo crystal que vae do noivado á lua de mel. Um delicioso sussurro, tão delicioso quanto o primeiro, estende-se então por semanas e por mezes. E' o segundo noivado, o noivado das almas, que se vão reproduzir num berço. Virão dias de infinita felicidade, mas de felicidade que se deslocará, que deixará de cruzar-se entre o coração de Carlos e o teu, para projectar-se parallelamente sobre o «bébé» que vier completar o «trio». E, logo, o aspecto de Carlos e o teu se modificarão e como mais facilmente a gente se apercebe da mudança dos alheios aspectos, do que dos proprios, tu e elle separadamente, indagarão:

— O que tem elle ou ella para estar assim mudado ou mudada de caracter?

E tanto tú, quanto Carlos, difficilmente comprehenderão, que o amor despreocupado dos primeiros tempos, acaba de ser accrescido de uma responsabilidade, que o vae tornar mais reservado e menos infantil.

Carlos pensará no futuro e recta como é sua alma, redobrá seu trabalho para garantir a nova existência e reabrindo de trabalho, esquecerá de alguns pequenos detalhes de carinhos, que te parecerão primeiros symptoms de desamor. Cabe aqui o «então» que pouco acima concedi que se addiasse. Então... é chegado o momento mais grave da vida conjugal. Porque ou seja a preocupação do pai a substituir-se á «calinerie» do noivo, ou ainda, preocupações do marido, em luta mais intensa, para assegurar a estabilidade futura do lar, Carlos, como todos os maridos, deixará de ser para ti, o bonequinho pintado e espartilhado, que dividia o teu tem-

po em alisar a pastinha ao espelho e em innundar de diminutivos carinhosos os teus ouvidos inexpertos de joven esposa.

A natureza da mulher é de emoções; a natureza do homem é de acção. Falei-te no começo, desta carta, em "paixão de amor". É o amor como o entendem as mulheres em sua maioria e é talvez a maior desgraça das que assim o entendem. A "paixão de amor" é egoísta, exclusivista, absoluta, tyrannica... O homem pode ter um momento de emoção — digamos um noivado de emoção — afanar-se por aquele diapasão. Elle é feito porem para a "ação" e mais cedo ou mais tarde, voltará ao seu feitiço essencial. O seu amor deixará então de ser a paixão de amor para ser o que os inglezes chamam o "leve-service", o amor natural e humano, que transige com as exigências da lucta. A mulher nem sempre se conforma em abdicar do seu reinado absoluto. E eis porque eu te disse, minha querida irmã, no começo desta carta, que se não tenho dúvidas em que Carlos venha a ser um excelente esposo, tenho-as a teu respeito. Estás preparada para a diminuição do exaltado culto que te presta agora a "paixão de amor" de Carlos? A maioria das mulheres não o está, por melhor que tenham sido educadas, porque de tudo cuidam as mães, menos de preparar suas filhas para a missão que na vida lhes é principal destino.

E quando chega o momento de apagar-se as luzes artificiaes do noivado e da lua de mel, começa no lar um período de desinteligencia affectiva, que nem sempre o dissolve, mas que sempre sobre elle projecta um pouco de sombra triste e desiludida. Uma excessiva sensibilidade por parte da mulher que se supõe relegada a um segundo plano e a falta de tacto ou a incompreensão dos maridos, para essa crise — são os motivos frequentes e absurdos da frieza de muitos casaes.

O que acabo de escrever-te parecerá descabido e inoportuno. Eu desejo porem que sejas uma feliz esposa e creio que Carlos te dará a felicidade que te desejo, si souberes comprehender desde já, que o homem não foi feito exclusivamente para o amor e que si hoje, na embriaguez do noivado, elle sacrifica toda a sua "acção" ao teu amor, amanhã, pela força mesma desse amor e pelas responsabilidades que elle lhe vai crear, Carlos será forçado a dividir o seu pensamento e a sua vida, entre ti e a lucta a que o leva a existencia. Viverá talvez mais na rua do que em casa, terá dias de mau humor e dias de preocupação em que sairá talvez sem beijar-te, ou em que se verá forçado a não te acompanhar a uma festa ou a um passeio. Que o senso commun — não é necessario outro — não te abandone então e que o ciúme e a affectação de uma indifferença vingadora, de tua parte, não te distanciem d'elle — é o que aconselha a mais elementar prudencia.

Se ainda não estás preparada para a brusca transição que te espera, prepara-te desde já. Ella é fatal. Nenhum casal a ella escapa. E para resistir-lhe é necessario que leves desde já o coração forte, que pulsa dentro da vida e não no vaeu da phantasia.

O casamento pode dar a um casal os mais felizes minutos da vida. Está longe porém de ser o doce romance que os poetas descrevem, porque é constituido por seres humanos, de fraguezas humanas.

Sua felicidade só pode nascer da mutua tolerancia que o delirio de amor-paixão, não comporta em seu egoismo.

Quando montares tua casa, colloca a guisa de lemma, no espelho de tua toilette, a seguinte sentença: «Vive e deixa viver!»



— Elle nunca fez i so antes do nosso casamento. Porque o faz agora? E' por acaso menos intelicado, agora? Eram estas as reflexões encantadoras, a dois, de que elle me fallava durante o noivado? São tão importantes as noticias daquelle jornal para que elle prefira lê-las á conversar commigo? Mais do uma esposa terá tido occasio de assim meditar...

(Do Ladies Home Journal)

E quando a leres pela manhã, ou, á tarde, lembra-te que o homem não é peor animal do que a mulher.

E ahí vão, com o meu talvez insipido sermão, os meus votos pela tua felicidade e a de Carlos.

Do teu irmão, Fernandes.

Paris, 1916

(Para a Revista Feminina)

Bêbê de Mendonça Lima



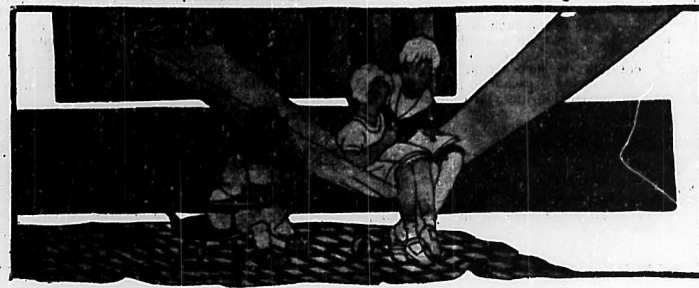
SNRITA. MARIA LUISA KRÜGER, nossa valente propagandista em Rio Grande do Sul

Temporada Lyrica A CASA BONILHA vai receber grande e variado sortimento de sedas proprias para vestidos de Theatro.

## OS NOSSOS CONCURSOS INFANTIS

### II CONCURSO DO URSO E DO CÃO.

#### A CORRIDA DA TARTARUGA — (PARA CRIANÇAS)



(Os nossos concursos infantis obedecem sempre a um fim esthetico ou instructivo; deva-se fazer pois, que vossos filhos o acompanhem.) No nosso numero de Junho p. p. puzemos em concurso O urso e o cão lavradores, destinado a desenvolver a imaginação das crianças e criar-lhes o gosto da composição. O cão tinha lograda por duas vezes o urso e este media aos leitores da Revista, que lhe descobrissem um plano para lograr o cachorro. Recebemos 442 respostas de meninos de ambos os sexos, o que já é bastante animador. Ganhou o concurso o menino Oswald de Queiroz, alumno do Collegio Sul-Americano, com 12 annos de idade, que nos enviou a resposta que damos a seguir e cuja redacção corrigimos de accordo com o estylo habitual desta secção. Foi-lhe entregue o premio de um relógio de prata e corrente de platina, no valor de 60.000. Está aberto hoje o concurso e é desta vez o cachorro que pede o auxilio dos nossos pequenos leitores, como se vê do final do conto.

«O urso matutou muitos dias para descobrir a partida que devia pregar ao cachorro. Desesperado de encontrar na sua pesada cachola qualquer plano novo, deitou-se á beira de um rio, que passava perto do roçado e cançado como estava de tanto andar, não tardou em adormecer.

Adormeceu e sonhou. O urso ronca e fala quando dorme. As vezes fala tanto que até acorda com o barulho. Sonhou pois em voz alta e sonhou com o cachorro.

Uma tartaruga ouviu-o em sonho contar tudo o que lhe tinha acontecido e ficou com pena de tanta estupidéz. Apanhou então uma vara bem comprida e, de longe, poz-se a fazer coega no focinho do urso, para acordá-lo. O urso espirrou duas vezes e acordou.

— Olá, comadre tartaruga, como vae isso? — disse elle ao vêr a tartaruga.

— Bom dia, compadre urso! Estava na sua sonêca, hein?

— Você viu quem foi que me fez espirrar? Não teria sido o cachorro?

— Foi, sim, senhor. Foi o cachorro que estava com essa vara, que está ahí no chão. Elle esfregou a vara no seu nariz e saiu correndo.

— Ah, aquelle mal dos meus peccados! Si eu o apanho.

— Aquillo é um "cuizarum". Eu tambem não gosto d'elle, não! E' um cheira-cheira que vive a engrossar os homens e implica com tudo que é bicho.

— Mas commigo elle não tira farinha.

— Eh, compadre urso! — respondeu a tartaruga rindo. — Você estava sonhando alto e eu ouvi toda sua historia com o cachorro!

— Então você ouviu?

— Si ouvi! Tambem você é burro que faz pena. Pois então você vae fazer contracto com o cachorro para plantarem milho e elle ficar com o que der para cima da terra e você ficar com o que der para baixo da terra?

— E' que eu nunca plantei milho!

— E a batata? — continuou a tartaruga rindo-se a perder. — Quando você deu-se ao desespero com a plantação de milho, estou aqui, estou a ver a cara do cachorro, a dizer: "Está bom, seu urso, não precisa ficar zangado. Daqui por deante o que crescer da terra para cima é seu e da terra para baixo, é meu". E você aceitou! Que arara!

— E' que eu pensei que a gente ia continuar a plantar milho.

— Mas o cachorro que é mais esperto convenceu a você de plantar batatas. E quando foi da colheita você foi logrado outra vez! Ah, quem é burro!...

— Você tem razão, comadre tartaruga! O que me rala é não descobrir uma partida para pregar naquelle cachorro.

— Eu vou mostrar a você que sou uma bôa rapariga e vou ajudá-lo a vingar-se daquelle malandro.

— Oh, muito obrigado, comadre tartaruga, chegue-se para cá, que eu lhe quero dar um abraço.

— Não, não... Fique-se por ahí! Eu de abraços de amigo urso quero descanço. Ouça lá. Você vae apostar com o cachorro que elle me ganhe uma corrida.

— Pois isso elle ganharia pela certa, comadre tartaruga.

— Ganharia! Você aposta com elle que si elle ganhar a corrida você se obriga a trabalhar um anno para elle e que si elle perder tem que trabalhar tres annos para você.

— Nessa não caio eu!

— Eu lhe garanto que ganho a corrida com um plano que só eu sei.

— Não, não...

— Si eu não ganhar você sabe onde eu móro, para me castigar. Eu garanto que ganho.



Tanto fez a tartaruga que convenceu ao urso. Poucos dias depois o urso falou com o cachorro, que aceitou contente a aposta, dizendo com os seus botões:

— Este urso é burro a meu gosto! Vou ter creio de graça por um anno!

Fino como é, porém, o cachorro estabeleceu a condição que durante toda a corrida, quando elle ladrasse a tartaruga devia responder.

A tartaruga informada de tudo, combinou com uma porção de tartarugas e espalhou-as pelo caminho, onde devia ter lugar a corrida, até o ponto de chegada. Como as tartarugas são todas eguaes, o cachorro não podia saber si era ella ou uma outra, que lhe respondia. No dia da corrida o cachorro partiu a toda a brida e depois de ter corrido uns cinco minutos, disse consigo mesmo:

— A tartaruga já deve ter ficado muito para traz. Vou lidar para vér.

Ladrou e ouviu a voz da tartaruga, muito para deante delle:

— Cá estou, compadre cachorro!

O cachorro apertou a cabeça e de vez em quando ladrava, mas a tartaruga sempre lhe respondia, muito para deante.

(Fim do artigo "As primeiras Neves")

— Eu quero um calorifero, eu o terei. Tossirei tanto que elle se decidirá a installar-o.

Sentou-se quasi nua, numa cadeira. Esperou uma hora, duas; tremia mas não se conspava. Então decidiu empregar os grandes meios. Saliu do quarto, sem barulho, desceu a escada e abriu a porta do jardim.

A terra coberta de neve, parecia morta. Estendeu o pé nu e mettu-o naquella espuma leve e gelada. Uma sensação de frio, dolorosa como uma ferida, lhe subiu até ao coração. Entretanto, alongou a outra perna e desceu até os degraus lentamente. Depois passou por cima da guama, dizendo:

— Irei até aos pinheiros.

Caminhava a passadas curtas, offegante, suffocada, cada vez que fazia penetrar na neve o seu pé nu. Tocou com a mão no pinheiro, como para certificar-se que havia cumprido o projecto. Depois voltou. Duas ou tres vezes pensou cahir, tanto se sentia dormente e desaliciada.

Antes de entrar, porém, sentou-se nessa espuma gelada e apanhou-a para esfregar o peito. Depois entrou e deitou-se.

No dia seguinte tossia e não pdeu levantar-se. Teve uma congestão pulmonar; delirou e no delirio pediu um calorifero.

O medico exigiu que se installasse um. Henry cedeu, mas com uma repugnancia irritada. Ella não pdeu curar-se.

(Fim do artigo "Como enfeitar minha casa")

lindos resultados com as tintas metallicas de platina e ouro, mas a prata pouco se presta, porque escurece logo. O processo mais simples consiste em dissolver em algumas gotas de agua uma parcella de seccotina e nesta mistura, dissolve-se o pó de ouro ou de platina, que se applica em seguida sobre o trabalho, com pinceis de aquarella. E' preciso sempre dar primeiro uma mão de tinta na parte que se quer dourar; a tinta dá mais consistencia ao dourado e permite variar os effeitos de transparencia.

O dourado, empregado deste modo, permite corrigir as cores fallhadas, porque elle se póde applicar em camada homogenea e assim dissimular alguma mancha ou falso tom. O ouro puro, distendido da maneira ac-

— Cá estou eu, compadre cachorro!  
E quando o cachorro, esbaforido de tanto correr, chegou no lugar combinado, já lá encontrou a tartaruga sentada numa pedra, muito senhora de si, lendo um romance!

— Já estou aqui de velha! — disse-lhe a tartaruga — Ah, quando quero correr, ninguém me acompanha!

E como o cachorro não descobriu o plano, tem de servir tres annos inteiros ao urso, que de tão contente fez presente de um guarda-chuva de castão de prata à comadre tartaruga, para quando ella quizer espichar a cabeça para fóra da casca em dia de chuva!

Como a tartaruga é muito baixa o urso mandou fazer o guarda-chuva que abrisse para cima!...

2.º concurso: O cachorro desesperado pede aos pequenos leitores da Revista, que lhe descubram um meio de livrar-se dos tres annos de captiveiro.

P. S. — As respostas deverão ser enviadas a Bob Tim — Revista Feminina — Alameda Glette, 87, S. Paulo.

Os pulmões, profundamente atingidos, faziam temer pela sua vida. Se ficasse não iria até os frios.

Enviaram-na para o Sul. Veio para Cannes, conheceu o sol, amou o mar e respirou o ar das laranjeiras em flor. Depois voltou para o Norte, na primavera. Mas vivia agora com medo de curar-se; com medo dos longos invernos de Normandia. E assim que ficou melhor abriu a janella, pensando nas doces costas do Mediterraneo.

Agora vae morrer. Sabe disso e é infeliz.

Desdobra um jornal que ainda não tinha aberto e lê este titulo: — «A primeira neve em Paris». Depois estremece e sorri. Olha ao longe, o Estrel, que se torna côr de rosa á luz do poente. Olha o vasto céu azul, tão azul, o vasto mar azul, azul... e levanta-se. Depois entra a passos lentos, parando somente para tossir, pois ficou até mais tarde fóra e teve um pouco de frio. Achou uma carta do marido; abre-a sorrindo sempre e lê:

Minha cara amiga. Espero que passes bem e que não sintas muita falta da nossa linda terra. Temos tido, ha alguns dias, uma boa geada, que nos annuncia a neve. Eu adoro este tempo e bem comprehendes que não pretendo accender o teu maldito calorifero.

Ella parou de ler, toda feliz, com a ideia do seu calorifero: A mão direita que segurava a carta, cae lentamente sobre os joelhos, enquanto leva á bocca a mão esquerda como para acalmar a fosse teimosa que lhe despedaça o peito.

GUY DE MAUPASSANT.

ma, não sahirá. Si se quizerem obter cores delicadas deverá empregar-se o couro branco, que se tingirá com camadas leves e transparentes. Se o couro a empregar for escuro é util usar tinta do mesmo tom do couro. Podem-se deixar alguns trechos sem tingir, para aproveitá-los para contraste.

Com o couro repoussé fazem-se innumerous trabalhos. Ha na Sorbonne, de Paris, toda uma sala revestida a couro repoussé, com painéis com motivos floraes, decoração de effeito surpreendente.

O couro repoussé usa-se tambem para os moveis e especialmente para cobrir cadeiras.

Em um de nossos proximos numeros trataremos do emprego do couro repoussé para as encadernações de luxo.

EMMA.

## Temporada Lyrica

A CASA BONILHA vae receber grande e variado sortimento de sedas proprias para vestidos de Theatro.

# A MARIPOSA

Julia do Assensal, a escriptora hespanhola que subserve — A mariposa — filia-se á escola dos simples, de pura sinceridade enoviza, expellendo os aspectos da vida sem rotinas ou arabesques de forma, mas que se apresentam á rotina das almas singelas. Si bem que o seu modo de escrever seja pouco trabalhado, ha nos seus contos uma poesia que encanta pela sua singeleza. Cronos que é a primeira vez que um dos seus trabalhos é vertido para o portuguez, no Brasil.

Sendo já velhos Severo e Benigno, amigos desde a infancia e companheiros de estudos, ambos solteiros, tinham decidido viver juntos, unindo suas modestas rendas para passarem assim o resto de seus dias com um pouco mais de conforto.

Severo tinha perdido muito creança seus paes, crescendo sem os affectos da familia e os doces encantos do lar. Já homem, tinha dedicado sua existencia á sciencia, collectando antiguidades minerneas e plantas raras, sendo porem o seu ultimo encanto as aves e os insectos, pelos quaes vivia no campo, tendo alugado uma casa, muito baixa, com um lindo jardim. Não menos duro seu coração do que os minerneas que foram o unico prazer de sua juventude, nunca conheceu as ineffaveis ditas do amor, quicá porque á sua infancia faltaram as caricias maternas e não pdeu compartilhar com algum irmão dos brinquedos e das efemerias penas dos annos infantis.

Benigno tinha vivido com seus paes e uma irmã, até os vinte e cinco annos. Nessa idade perdeu em poucos meses seus paes e viu casar-se a bella joven, que, com seu fraternal carinho, tinha podido consolá-lo dos pesares da orphanidade. Benigno amou depois uma linda mulher, que nunca compartilhou do seu sentimento. As amarguras e os desganhos não lhe instaram porem o germano bondade que encerrava sua alma. Nunca mais amou e nem pensou em casar-se e acolheu com jubilo a proposta que lhe fizera Severo, de viverem juntos.

Um amigo com quem conversar a toda hora, com quem evocar o passado, já que as illusões do presente e as esperanças do futuro estavam mortas, era tudo quanto podia desejar Benigno no fim de sua existencia. De caracter bom e sensato amoldava-se logo aos gostos alheios e assim, si bem que nunca se tivesse dedicado á collectar insectos, nem aves, não tardou em affecção-se a elles, passando longas horas, ás ordens de Severo, contemplando uns ou dissecando outras.

Morava com os velhos uma criada, quasi da mesma idade delles; mulher fria como um de seus annos, porem boa e serviçal como o outro. Não tinham mais empregados e Severo e Benigno tratavam do jardim.

Uma tarde que tinham sahido os dois amigos, um para o campo e outro para a cidade, succedeu uma cousa que veio alterar em parte a monotonia da vida dos tres velhos. Ao chegar Severo á porta do jardim, da qual havia levado uma das chaves, viu junto á talpa um pequeno vulto branco que se movia e a seu lado ouviu um gemido que lhe pareceu de creança. Mal reparou naquillo e attento, para que não lhe chissem das mãos as couves que levava, abriu a porta e penetrou no jardim.

Meia hora depois chegava Benigno com tres tomos de Historia Natural de diversos autores e, antes de abrir a porta com uma chave igual a que tinha Severo, um debil vagido deteve-o. Olhou em redor e viu por sua vez o pequeno vulto branco. O bom velho deixou cahir os livros e correu a acudir o tenro ser que parecia reclamar seu amparo. Era uma menina envolta em trapos, uma menina loura e de olhos negros, que alguma mãe, infeliz ou desaturada, havia depositado alli. A pobre creança olhava vagamente á Benigno e os seus labios pareciam sorrir. Devia contar poucos mezes, era muito pequena e magra. O ancão contemplava-a com profunda emoção, e por fim, esquecendo de seus livros, penetrou no jardim com a menina.

— Olha Severo, — exclamou quando chegou — tragote uma avesita, que com certeza cahiu de um ninho,

mas que não irá para tua collecção morta. Servirá para alegrar com seus gorgeios, nossa jaula!

Severo não pdeu dominar um gesto de desgosto ao ver do que se tratava.

— Creio — disse elle que isso não passará de uma brincadeira e que não pensarás em conservar aqui esse boneco.

— Tu te enganas — replicou Benigno, — não jogarei á rua o que Deus poz junto de minha porta. Uma creança se mantém com tão pouca coisa! Leite, muito leite e um pouco de pão. Comprarei uma cabra que comerá o que ha no campo e as migalhas que sempre sobram da nossa mesa.

— E quando ella crescer?... Comerá então o que comeremos. Não sou rico, porem posso crear esta creança, e a quereer tanto que a ensinarei a chamar-me de pai. Por acaso não approvas á minha conduta?

— Si isso te agrada ou te diverte — disse o frio egoista — não me posso oppor ao teu desejo, mas procura que esse bicho não entre no meu escriptorio quando estiver só.

A criada, tambem não acolheu muito bem a chegada da creança. Vendo porem que não tinha mais remedio, comprometteu-se a tomar conta della. Era boa catholica e suspeitando que não a houvessem baptisado, levou-a no dia seguinte á igreja, onde baptisaram-na com um nome qualquer.

Passou algum tempo. Severo occupava-se das suas crisalidas, proximas á romper o casulo convertendo-se em mariposa e queria que Benigno compartilhasse de seu enthusiasmo. Cada vez que lhe falava nisso o excellent ancão respondia:

— Eu tambem guardo a minha crisalida que um dia terá azas e será mariposa. As suas azas porem serão as da intelligencia, e suas bellas cores darão vida á minha velhice.

Desde então Benigno começou a chamar a menina de sua mariposa, e quando ella começou a comprehendê-lo, não attendeu mais por outro nome. O tempo passava e Mariposa tornava-se cada dia mais bonita, e o seu protector orgulhava-se de contempla-la, esperando com paciencia que ella pronunciasse a primeira palavra e que desse o primeiro passo. Estava quasi sempre no jardim, e quando os passaros cantavam, ella gritava com alegria, como se comprehendesse o que elles entre si diziam. As flores acariciavam-na com o seu aroma substituindo assim os beijos de uma mãe que talvez nunca a tivesse beijado. Benigno quieria de toda a sua alma. Havia concentrado nella toda sua ternura. Mariposa andou e falou. A' Benigno chamava de papae e á velha creada, de mãe, e á Severo, de "vovô". Uma tarde, Severo cheio de jubilo, mostrou á Benigno uma mariposa de azas azues que tinha rompido naquella dia a sua crisalida. Pouco depois porem o insecto voou e desapareceu, para só reaparecer á noite, atrahido pela luz da lampada, na qual se foi queimar, perdendo assim Severo um dos seus mais bellos e mais raros exemplares, o que lhe causou grande desgosto. Na manhã seguinte estava tão profundamente distraído que sahia para o campo esquecendo-se de fechar a porta.

Mariposa que contava apenas dois annos e meio, vendo a porta aberta não tardou em sair para o jardim. Havia junto ao jardim um pequeno rio que atravessava toda a propriedade. Mariposa foi ter a uma das suas margens e esteve um momento a brincar com a agua, até que vendo sua imagem reflectida na superficie do rio, para ella se inclinou exclamando:

— Um bébé!

Não sabendo o perigo que a ameaçava a pobre creança inclinou-se mais e mais até que cahiu ao rio e as águas arrastaram seu pobre corpinho, sem que alguém ouvisse seu debil grito de pavor.

Quando mais tarde Benigno voltou à casa, procurou-a debalde. Sabendo que a porta tinha ficado aberta foi procurar Mariposa no jardim e depois de mil buscas infructíferas encontrou seu pobre corpinho, enroscado em algumas raízes, que o deriveram na marcha em que ia, arrastado pelas águas. Benigno abraçou-se ao pequeno cadáver do único ser que fazia feliz a sua velhice. Ia com a sua preciosa carga quando encontrou Severo.

— Estou desolado pela minha mariposa — disse Severo ao seu amigo.

— Tua mariposa — replicou Benigno com amargura — empregou suas azas para ir queimar-se ao fogo

que a atrahia; a minha tinha também, si bem que invisíveis, as azas de um anjo e logo que pouse voar, elevou-as para procurar o caminho do céu, de onde nunca deveria ter baixado. Tu terás outras mariposas azues; enquanto a mim, só quando morrer me devolverão minha mariposa.

Severo encolheu os hombros e disse:

— E tudo isso por uma simples boneca! As creanças se substituem pois todas são eguaes, porem o mesmo não acontece com os insectos.

Aqueles dois homens tão amigos até então, não puderam mais se comprehender! A menina foi enterada por seu protector numa sepultura simples, a qual não faltaram lindas flores colhidas por Benigno, flores que foram beijadas por suas irmãs, mariposas...

Julia de Azevedo

(Trad. para a Revista Feminina)

## PASSAMENTOS

D. Lucilla Cesar de Mesquita

Dr. Martinho Botelho

E' com profundo pesar que noticiamos o passamento da exma. snra. D. Lucilla Cesar de Mesquita, virtuosa esposa do nosso illustre confrade Dr. Julio de Mesquita, que com tanto brilho e maestria dirige o "Estado de S. Paulo".

Pelas suas virtudes e principalmente pela sua inextinguível bondade era D. Lucilla Cesar de Mesquita uma das senhoras mais estimadas no nosso meio social, que havia acompanhado todas as fases de sua vida, sempre igual e superiormente perfeita, no cumprimento dedicado a todos os deveres da trilogia de filha, esposa e mãe, no qual se consummou sua nobre feminilidade. Oriunda da familia Cerqueira Cesar, à qual S. Paulo muito deve pelos serviços inigualáveis de alguns de seus membros, de seu consorcio com o Dr. Julio de Mesquita, deixa uma nova geração, que acentuada pelas tradições de sua raça materna e avigorada pelo exemplo laborioso e fecundo de seu illustre progenitor, vai ser por certo a continuadora das virtudes civicas e moraes que tanto enaltecem os nomes que herdaram. A Revista Feminina, que se fez representar pela sua directora no enterro de tão distincta senhora, envia ao Dr. Julio de Mesquita a expressão sincera de seu pesar.

— De Jundiahy communicamos o Snr. José Luiz Faggiano o fallecimento de sua esposa D. Marietta Paula Faggiano.

Nossos mais sentidos pezares.

Durante o mez de julho deu-se igualmente o fallecimento do distincto jornalista Dr. Martinho Botelho, filho dos Condes de Pinhal, paulistas de pura raça e de brilhantes tradições. O Dr. Martinho Botelho, que dispunha de grande fortuna, logo que concluiu os seus estudos foi viver em Paris, onde se occupou sempre com o jornalismo, tendo dirigido com maestria algumas revistas portuguezas que ali se editam e entre ellas, a Revista Moderna, de parceria com Eça de Queiroz. Ultimamente dirigia o Dr. Botelho o Brasil Magazine, em Paris, cuja publicação foi forçada a suspender devido á guerra européa. A espera que cessasse a tormenta que se abateu sobre o Velho Continente veio o Dr. Botelho para S. Paulo, onde sua actividade sem par estava colhendo novos elementos para dar á sua publicação notavel desenvolvimento.

Attrahentissimo causeur o seu espirito sempre variado e correntio dissipou-se na chronica leve e na vontade efemera, do mesmo modo que se dissipou a sua fortuna, para cuja administração o seu espirito despreocupado nunca teve attenção.

Não deixa nenhum livro definitivo e perde-se mais esse espirito, como se tem perdido tantos outros entre nós, sem que nada delle reste de positivo e duradouro, por essa dispersão fatal que caracteriza a versatilidade da raça.

A S. Exma. Esposa e á familia Arruda Botelho enviamos pesames.

## PUBLICAÇÕES

O dr. J. H. de Sá Leitão teve a gentileza de enviarnos um exemplar do seu bello volume de versos, sob o singelo titulo "Fecundias".

O dr. Sá Leitão revela nos seus versos uma esthetica deliçada e um senso colorido dos mais apreciáveis. O seu metro é fluente, deliçado e harmonioso e revela uma alma de artista que no utilitarismo da época tem olhos extasiados para as belezas da phantasia. Agradecemos-lhe penhoradíssimas o exemplar que nos enviou.

A "Gravada" tem sobre a nossa mesa o numero 10 do anno III desta bella revista que se publica no Rio de Janeiro. No seu summario variado e attrahente, no qual collaboram nomes festejados em nossas letras, figura uma transcrição do vibrante artigo o "Ritual das Mães", de nosso collaborador Dr. Claudio de Souza e que foi publicado no nosso numero de Junho. Pollicinamos ao nosso confrade Isidro Nunes pela excellento orientação que tem dado á sua revista, que é indubialmente uma das melhores publicações de nossa grande litteraria brasileira.

O "Echo" a popular revista de Gustavo Figueira, tão conhecida em todo o Brasil, e que havia suspenso a sua publicação, acaba de reaparecer consideravelmente augmentada o melhorada, confeccionada com muita arte e com texto abundante e selecto.

"Quadras da Guerra": Sob este titulo o sr. Antonio de Paula acaba de publicar um elegante folheto variando poesias sobre tantos da guerra européa. Agradecemos o exemplar enviado.

## Casamento

O Snr. Jader de Andrade e Snra. Semiramés da Cunha Andrade, tiveram a gentileza de participarem seu casamento realizado em 1.º de Junho, em Timbubá, Pernambuco.

Desejamos-lhes muitas felicidades.

## CASA DOLIVAES

(Fundada em 1880)

J. Azevedo & C. proprietarios da casa Dolivães concessionarios das loterias do Estado de S. Paulo e sub-agentes das loterias Federaes continuam a encargar-se de enviar aos cambistas do interior qualquer remessa de bilhetes destas duas loterias. Tem sempre á venda loterias com grande antecedencia e atendem aos pedidos com a maxima promptidão. Os pedidos de fora devem ser dirigidos a J. AZEVEDO & COMP.

10 — rua D. Delfino, 10 — Caixa, 26 — S. PAULO

## TEMPORADA LYRICA

A CASA BONFERRIA vai receber grande sentimento de saias para Theatro, ultimas criações das grandes casas de Paris.

(Fim do artigo "Hospedes de luxo")

né com uma especie de lambrequim de fazenda indiana com figuras, debrando de vermelho. A sala de jantar não era feia. Tinha as vigas visiveis e de cor escura. As paredes caiadas de branco. Eu gosto das paredes caiadas quando os moveis são completamente rusticos, como os armarios de carvalho fosco sombrio ou em nogueira lustrosa. O branco puro combina menos com o acalou do mobiliario Luiz Philippe, que é muito burgoes e muito grosseiro para esse quadro singelo. Resolvemos empapelar esta sala com um papel ingiez azul — Um azul um pouco vivo cor de turqueza — com uma grega de girasol. As janellas seriam decoradas simplesmente com um store de linho grosso, guarnecido de guilpura e as brise-bise, pregueadas em linho amarello, combinando com os girasões das gregas. O azul vivo faria sobressahir as cores escuras dos moveis. O amarello daria uma nota brilhante ao conjunto, como um ralo de sol que accorda de chofre, na luz baça, tons glaucos e azulados. Collocariamos sobre a chaminé e sobre as mesinhas, bonitos vazos de cobre com rainculos e rosas brancas. A coberta da mesa será branca com desenhos amarellinos e a enfiletaremos com rosas brancas e botões de ouro ou com ranunculos e os primeiros bluetes de Junho. Minha amiga que é louca disse logo que a enfiletaria com bluetes.

Conduziu-me ella em seguida para a sala de visitas, prevenindo-me logo que a sala era horrivel. As cadeiras e o solido velludo vermelho pareceram-me sinistros. A chaminé de marmore preto era muito feia e assim tambem o papel Luiz XVI, azul claro, com listas ondeadas, a desbotar. Fiz ver á minha amiga que era melhor empapelar a sala de novo, com um papel claro e bonito, porque assim, o mobiliario se tornaria mais decente, como tinhamos resolvido quanto á sala de jantar. Com um papel velho e desbotado os mais bellos moveis tornam-se feios. Não posso comprehender que se faça economia neste caso. O papel numa sala é como a paisagem em volta de uma architectura, é o fundo uniforme ou variado que descança a vista alegrando-a sem a aborrecer; é a atmosphera colorida ou neutra, grave ou ardente. Minha amiga porém, queria conservar o seu papel azul, que não era de facto intoleravel, posto que estivesse um pouco desbotado. Procuramos um meio de combiná-lo com o medonho velludo vermelho dos moveis, mas foi um milagre impossivel. Concordamos que era necessario cobrir as cadeiras. Não fariamos as cobertas de linho; escolheriamos um cretonne. Minha amiga disse-me que gostaria de um cretonne com desenhos modernos e simples, ou com figuras de bailados russos.

— Isso matará o vosso papel azul claro. Acho melhor uma dessas copias antigas, com camaféus vermelhos sobre um fundo creme. Podem-se fazer com a mesma fazenda as sanefas para as janellas. Não é necessario grandes cortinas. Ficará muito bem uma cortina de mousseline branca com salpicos, muito larga, em plissé e amarrada ao meio com uma fita azul claro. O tapete é preciso tiral-o fora porque é muito feio. Collocaremos em seu lugar uma esteirinha com desenhos vermelhos. Tinha cuidado que as flores dos vasos combinem com a decoração da sala.

Subimos em seguida ao primeiro andar. O quarto de hospede era mais do que simples. A cama era ordinaria; tinha um colchão e tres travesseiros. Tinha um guarda-roupa normando, uma mesa, uma commoda e um lavatorio com espelho oval e os pés em X.

— Nunca ousarei hospedar aqui a nossa prima, disse-me a senhora Bernard. Nós lhe cedemos o nosso quarto. — Ella não se sentiria a seu gosto, desde que a visse fora de seus commodos. Vamos vêr se conseguimos arranjar este quarto. O divan é largo; o encherção e o colchão são excellentes. Si vossa parente não é exigente...

— Não, ella é uma senhora de espirito fino, muito boa e muito simples.

— Creio então que se acomodará muito bem nesta cama. Durante o dia o quarto lhe servirá como uma pequena sala. O divan está coberto com um filó

de Genova, e como este filó não custa caro, podemos comprar mais cinco ou seis pedaços, e estendê-los em *panneaux* sobre as paredes. Nas janellas collocaremos o mesmo filó pregueado. O lavatorio é curioso. Conservaremos como está; fal-o-emos somente um pouco menos austero, com um apparelho de pó de pedra amarello ou verde, cuja singeleza e linda cor agradarão sempre a uma phantasia. E preciso somente uma outra mesa em laque branco, com uma toalha de renda, um espelho, e os objectos necessarios para se pentear.

— Posso pôr as peças de meu estojo de viagem? São de cellulósido, imitação de marfim e marcadas com as minhas iniciaes.

— Vossa prima não se espantará de não encontrar em vossa casa, escovas de tartaruga e frascos com tampo de prata. O importante é que nenhum detalhe seja esquecido. Vejamos uma boa cadeira e tudo quanto for necessario para escrever, uma lampada que funcione bem, as venezianas bem juntas, e as cortinas não transparentes. A toda gente tem acontecido em hoteis e as vezes em casa de amigos, ser acordado muito cedo pela luz da manhã, ou pela fumaça de uma má lampada. E' preciso collocar sobre a mezinha de cabeceira, um ou dois livros, uma faca para papel, um frasco de agua de colonia, um porta relógio. Si a batida da pendula é muito forte e a pancada muito estridente é util fazer parar o relógio. Recommende á sua creada de andar com precaução, e se tiver algum gallo indiscreto pela visinhança compre-o, para o pôr na panela!...

Sombra, silencio, um tapete sobre o soalho, roupas de cama frescas e alvas — não ha luxo que a tanto possa equivaler. E, durante o dia uma casa assediada e alegre, cores escolhidas, flores, figuras amistosias, solidude discreta — é o sufficiente para que o hospede seja feliz.

— Não hesito mais em hospedar minha prima — disse minha amiga — porque estou certa de poder oferecer-lhe tudo aquilo, com vosso precioso auxilio.

MARCELLE TYNAIRE

(Tradução para a "Revista Feminina")



## KOSMOS

TENS a aurora na bocca e a noite escura  
Nos olhos; no cabello em desalinho  
O mar bravo, a floresta, o torvelinho,  
E as neves da montanha em tua alvura.

Possues na voz a musica e a frescura  
Da agua corrente; o sussurro do ninho  
Na surdina subtil do teu carinho,  
Em que o calor ao trazo se mistura.

Cheiras como um vergel; tens a tristeza  
De uma tarde hybernal em que anda immerso  
Teu amor, meu amor e minha presa...

Na alma, no corpo, em ti, acha meu verso  
Todas as convulsões da Natureza  
E as harmonias todas do Universo.

J. M. GOULART DE ANDRADE  
(Da Academia Brasileira)



## A NOSSA "REVISTA" EM SERGIPE

Desvanecem-nos e encorajam-nos as repetidas demonstrações de sympathia e de entusiástico applauso com que a nossa *Revista* está sendo recebida por todos os intellectuaes brasileiros, em todos os Estados do Brasil, e que temos transcripto em nossa secção *De todo o Brasil*. Em Sergipe, como em muitos outros Estados, temos um grupo dedicado de amigos, a cuja frente se acha o nosso estimado agente Pericles Muniz Barreto, que não poupa esforços para que nossa iniciativa tenha completo exito e nesse brilhante grupo destaca-se a distincta escriptora sergipana D. Itala Silva Oliveira, que nos enviou um bello artigo sobre o analfabetismo que publicaremos no proximo numero e que escreveu para o *Diário da Manhã*, importante órgão da imprensa de Aracajú, o seguinte captivante artigo, sob o titulo *Revista Feminina*.

## REVISTA FEMININA

E' inconteste e digno de nota o desenvolvimento que tem attingido a cultura feminina, n'estes dois ultimos seculos.

Que a mulher é capaz de, condignamente, influir nos problemas sociais; que ella, quando instruida, prova tão bom como o seu companheiro, é um facto real e palpavel, que se nos apresenta tão claro como claros são os raios do sol, nos dias estivados. Antigamente constituia excepção a mulher que na litteratura ou em qualquer outro ramo do saber humano se destacasse; hoje não.

Estes exemplos se multiplicam prodigiosamente, e na grande republica norte americana, se acham mulheres que abraçam até a carreira militar, segundo diz, em uma conferencia, sobre a instrução superior da mulher, o dr. Evaristo de Moraes.

E' que ella comprehendu que assumptos mais importantes, que o debattido problema do amor, reclamam a sua attenção.

As multiplas transformações, que com o correr dos tempos, se vão operando nas sociedades, lhe fazem ver a necessidade que tem de aplicar a sua actividade melhor do que a tem aproveitado até agora.

Ha dias fomos uma interessante chronica apreciando a mudança sensível que se produziu no carácter da mulher franceza, depois d'estes longos mezes de guerra, e tivemos mais uma vez a convicção de que ella marcha a passos largos em procura da sua emancipação.

Este conflicto tremendo, esta hecatombe em que a humanidade se offerece em holocausto, deixou ver a nós, espectadores emocionados d'esta carnificina desigualável nos annaes da historia da humanidade o quanto pode o esforço feminino.

Quem acreditava até hoje que o lugar da mulher era no lar, no interior das casas, que ella não podia desempenhar os mesmos cargos que o homem, sem que isso não viesse perturbar o socego do lar domestico, está vendo o contrario, no velho continente conflagrado.

Como as aguas das inundações,

que pouco a pouco vão augmentando de volume até attingirem consideravel altura, assim o movimento feminista cada dia que se passa mais se desenvolve, mais se torna digno de nota, e esta guerra sem precedentes veiu cooperar, prodigiosamente, para que a mulher solte-se dos antigos preconceitos, e vde alta em procura da liberdade.

Nós brasileiras, que temos tanto interesse, e que seguimos com cuidado o que fora do paiz se passa, affim de imitar, não nos lembramos de procurar o que pode trazer desenvolvimento á vida do paiz; preocupamos-nos com as mil tolices da moda e com as futilidades, com que os outros povos occupam as suas horas de ocio.

Não obstante, porém, o nosso atrazo em materia de dar-se á mulher o que, fora d'aqui, ella em outros paizes está em via de conquistar, já vemos, contudo, exemplos raros, que nos mostram que, no Brasil, ella já começa a ensaiar os primeiros vãos para a reivindicção dos seus direitos até hoje negados.

E isto nos convencemos depois que tivemos em mãos alguns numeros de uma revista fundada em S. Paulo e dirigida por uma illustre brasileira, que é d. Virgínia de Souza Salles, uma d'estas mulheres que, dotadas de espirito esclarecido e combativo comprehendem que si não colherem os fructos do que semeiam hoje algum depois se encarregará d'isto fazer.

Assim : que ella fundou a *Revista Feminina*, que se destina a cooperar para a instrução da mulher brasileira, e que, a nosso ver, será como um pharol mostrando ás gerações vindouras que já, hoje, ha no Brasil quem trabalhe em beneficio da instrução feminina.

Mas, não obstante, toda a sua boa vontade, diz ella, no ultimo numero, que as brasileiras não têm sabido comprehender o fim elevado que visa.

E' preciso que saibamos que não é somente o livro que instrue, que também o jornal e a revista largamente contribuem para a diffusão da instrução, e nós, que n'este ponto de vista temos tudo a fazer, devemos procurar adquiri-la por todos os meios.

Na maioria dos casos a revista e

o jornal têm uma nobre missão a cumprir, e só não fazem isto quando se destinam a servir de receptaculo ás reproduções de espiritos levianos e superficiaes, ou quando se acham a serviço da politicaagem torpe.

Mas, a *Revista Feminina* não se acha comprehendida no numero d'estas; sendo para o sexo feminino ella só tem por fim instrui-lo, delictando-o.

Foi por sabermos isto, e por termos lido o seu appello que achamos justo, que algo dizenos agora sobre a mesma, e que pedimos ás patricias sergipanas que procurem lê-la.

Não se trata de uma revista onde o amor piegas e aborrecido se ostenta, unicamente, e talvez que esta seja a razão pela qual não tenha essa revista a acclamação que merece; mas, é preciso que a mulher saiba que hoje este sentimento não deve constituir á unica preocupação da vida; que o desenvolvimento da humanidade faz ver que a mulher precisa de substituir este thema banalissimo, que só deve servir de assumpto para os poetas e poetas, pela instrução que eleva e dignifica.

A *Revista Feminina* como magazine util a toda a mulher, pela variedade de assumptos, deve ser procurada por todas vos pois a sua leitura a todos interessa.

Agora seja permittida aqui uma ligeira nota: — A *Revista Feminina* que com o seu nome indica é nossa, necessita para complemento da sua acção, de duas coisas, que são, primeiro, a criação de uma secção unicamente, dedicada á historia do feminismo no Brasil, que é bem verdade, quasi não tem historia, mas, que servirá para assignallar-lhe o caminho, fazendo-nos ver em que industrias, artes ou quaisquer outros ramos do saber humano a mulher emprega sua actividade, e, de outra secção de pediatria especialmente dedicada ás mães de familias.

Amplie a illustre d. Virgínia a revista com o que acima dizenos, e es-tamos certa de que a sua acção tornarse-á mais ampla.

No entanto, como obra boa e meritoria que ella é, consignamos aqui a nossa admiração pelas fillas do prospero Estado de S. Paulo, que comprehendendo o valor da mulher na sociedade, e enviando sinceras saudações.

Instalações electricas e Sortimento completo de todos os artigos de electricidade.  
ELECTRO-TECHNICA PAULISTA, Rua Direita, 40 — Telephone, 2063.

## Para Meninas e Moças

## Receitas de Toilette

Para evitar o mau cheiro da transpiração

Não pode haver nada de mais martyrisante para uma senhora elegante do que uma exalação impura qualquer, por exemplo, o mau cheiro da transpiração, que é impossivel esconder, principalmente num baile, numa partida de tennis ou em qualquer sport. Toda a belleza, toda a graça, todo o encanto da mulher, desaparecem de cho-fre; todo o veu de sonho que a aureolava, toda a phantasia em que o olhar embevecido do homem a envolvia fundem-se á rajada cruel... A culpa exclusiva porém é da mulher. E' simplicissimo evitar e eliminar de vez o suor excessivo ou o suor mau cheiro; basta usar o *Helio*, que custa relativamente barato e que sendo um pó, (como o pó do arroz) as senhoras podem usar com facilidade. O resultado é tão extraordinario que, a pedido de muitas das nossas leitoras, fizemos vir de Paris, uma nova remessa de *Helio*, que não se encontra á venda no Brasil — e remetteremos pelo correio a quem nos solicitar ao preço de 65000 e mais 500 réis para porte do correio. O preço do *Helio* como de todos os preparados estrangeiros, subiu muito, devido á guerra.

## Para ennegrecer os cabelos

Ha innumerables receitas para dar a cor preta aos cabelos, mas a mais efficaz e mais simples são muito purissimas porque são á base de nitrato de prata, de saes de chumbo, de cobre, de cobalto e até parece horrivel — gáureto de potassio, que é um toxico purissimo, que pode envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas *progreccivas* tolas á base de nitrato de prata, cuja absorção dá lugar a uma intoxicção lenta, que termina por um cancro do fígado ou por uma urterio-sclerose ou ainda por accidentes mais graves.

As duas unicas formulas inoffensivas são o *Héme* verdadeiro para dar aos cabelos a cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tingue desde o castanho até um bello negro lustre e vivo, que illude a pessoa mais capta.

E' preciso não confundir o verdadeiro *Héme* — que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe á venda no Brasil — com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de saes de prata e de chumbo e com o rotulo de *Héme*. A verdade de diversas leituras nos estava-nos fazendo soffrer para importar do Oriente o verdadeiro *Héme* — para as loiras e castanhas — mas a guerra veio annular os nossos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos que os senhores John Rugent & Comp. fizessem vir da Europa e as nossas leitoras que desejarem fazer desaparecer os seus cabelos brancos, poderemos servir de intermediaria enviando-lhes a *Petalina*, que não temos duvida em recomendar. Com o *Petalina* em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavarse a cabeça em seguida e por brillantissima ou qualquer outro acompanhamento de um prospecto explicativo sobre a maneira de usá-la e prepará-la. Simples, facil, perfeito e inoffensivo. Basta enviar a importância de dez mil réis e o endereço á Empresa Feminina Brasileira. Alameda Glette, 87 — S. Paulo.

## As pequenas precauções

Sempre que examinamos as pessoas de nosso conhecimento ou aquellas que encontramos involuntariamente, as classificamos em duas categorias: as que tem boa apparencia e as que não a têm.

Para que se tenha boa apparencia não é preciso trazer vestidos caros e joias, mas é preciso que tudo quanto tenhamos em cima do nós seja limpo e correcto; nada de manchas, nem mesmo um amarratado; dessa maneira a toilette conservará até o fim do seu uso, um aspecto irreprehensivel.

Ha pessoas entretanto cujos vestidos e sobretudo, ainda mesmo que estejam novos, são de um aspecto desgreçados: tolo amarratado, mal esfolado, o que nos faz perguntar examinando-se aquelle vestido de visitas teria tambem servido de traveseiro, e á primeira vista sabe-se a que classe pertence essa pessoa, não sendo com certeza d'aquellas que tem a consideração de seus semelhantes.

Pode parecer um exaggero estimar-se uma senhora porque o seu todo é correcto e acedido e recusar-lhe essa mesma estima quando seu aspecto accusa desleixo pela sua toilette... Mas é preciso ir alem das apparencias. O acedo é uma linda virtude. A ordem é uma virtude inteira. Para ter o espirito puro e bem ordenado, é preciso que uma mulher tenha não somente o gosto e a necessidade do acedo, mas ainda o *horror* pelas manchas e pela desordem, para evitar o aspecto desagradavel de vestidos amarratados, de flores enxovalhadas: é necessario que ella seja dotada de perseverança e de actividade. Eis ahí um certo numero de qualidades necessarias para obter o aspecto *cidade* que offerecem certas senhoras, não em algumas occasiões, mas constantemente.

Com um pouco de reflexão poderemos estudar os meios que devemos empregar para economisar e cuidar de nosso vestuario e de nossos moveis. Para conseguirmos evitar as manchas em nosso vestuario e em torno de nós, é necessario que nos sujeitemos a um grande numero de pequenas precauções.

Sómente por este prepo se evitará de offerecer em si ou em sua casa com a imagem da desordem, o testemunho da indifferença que se experimenta em relação ao acedo. Deve-se procurar por todos os meios ser irreprehensivel, cuidadosa, bem ordenada, se não se quer descer da estima de seus semelhantes de sua familia e de seus creados.

As pessoas que o desleixo condemna á desordem são muitas vezes hypochondriacas, e n'este caso a um vestio irreprehensivel, se alia sem vergonha, saes de baixo que não são irreprehensíveis como o vestio, rasgadas ou mal concertadas. Os colchetes e os botões visíveis estão muito bem pregados, ao passo que os invisiveis, são muitas vezes substituidos por afimetes, irrefutavel symptoma de preguiça, de incuria e de desordem.

Para evitar essas desordens da toilette só ha um meio. (quando não se tem uma crenda de quarto) é ter sempre á mão um estojo que contenha tudo que é necessario para coser e concertar a roupa á medida que ella se estraga.

Só ha um meio de conservar o vestuario com essa frescura que tanto agrada quando se veste pela primeira vez, é não trazer em casa um vestio que se destina a passeio. Quando se despe um vestio é necessario escovul-o para tirar o pó, e pendurar no guarda-vestidos tendo o cuidado de estendê-lo sobre o cabide alim de o não amarratar. Para que o chapéo não se estrague é necessario depois de escovul-o collocá-lo em uma caixa apropriada cuberto com papel de seda.

O mesmo cuidado deve-se ter, com os moveis, limpando-os sempre para que tenham um bonito aspecto, bem como com a roupa de cama e de mesa, para que seja bem tratada. E' muito desagradavel sentar-se numa mesa em que a toalha está nodada de gordura ou de vinho, os guardanapos amarratados e de uma cor dividosa o que faz desaparecer o appetite mais forte, mesmo diante de appetitosas iguarias; para que isso não succeda é preciso tomar diversas precauções, como apolar o garfo e a faca com que nos servimos no porta-facões; ter cuidado para que não se entorne um copo cheio de vinho, ou o molho da carne; ter cuidado quando o creado lhe apresentar alguma prato não collocar em falso o talher com que se serviu afim de evitar que caia, expondo-se visinho a ficar com a roupa manchada do molho, accidente que incomodaria a victima, a dona de casa, e o creado; accidente que poderia ter sido evitado com um pouco de precaução, e do qual se pensa que se desculpa exclamando em um tom comico "Sou muito estouvada!"

Sede estouvada quanto quizerdes em vosso prejuizo, não em prejuizo dos outros. Deveis fazer esta reflexão que ninguém tem obrigação de soffrer vossa falta de attenção; e se não sois capazes de reflectir fiscal em vossa casa. Não é rindo de sua falta que uma pessoa se escusa.

E' só com pequenas precauções que uma pessoa pôde evitar manchas desagradaveis sobre os tapetes e moveis; não descançar sobre o piano, ou em a mesa de jogo, sobre um tapete de mesa enfim, o copo em que tomamos um refresco, o resto de um bolo com que tomamos uma chavena de chá. Esperemos que o creado nos desembarasse desses objectos, para que não se fique fazendo um mau conceito de nossa pessoa, julgando, que não nos contraria em molestar os outros com nossa falta de attenção.

Tenhamos cuidado com as *segundas precauções* não somente ao que nos diz respeito mas ainda em relação a outras pessoas.

## DE TODO O BRASIL...

(Chamamos a atenção dos nossos anunciantes para a difusão da nossa Revista)

É cada vez mais envidoso o movimento de entusiasmo que se nota em todo o Brasil a favor da nossa Revista, e diariamente nos chegam as mais belas cartas e cartas de nossas mais distintas personalidades, muitas das quais estão acompanhadas de pedidos para a nossa Revista com o intuito de obter o primeiro prêmio das senhoras brasileiras.

O *sr. Rosalino Lopes Quintas*, de Póços de Caldas nos escreve: "Junto a esta a importância de 20000 para minha assinatura anual da *Revista Feminina*, que deverá ser remetida a D. Herculina Rosa de Oliveira Quintas, em Itumbira do Campo, Minas, Via E. de F. G. do Brasil, Segundo a oferta indicada na seção — Expediente — espero seja enviado também o Adulário, para o mesmo destino. Cumprimento a todos." O *sr. Rosalino Lopes Quintas*, que muito aprecia a *Revista Feminina* — sobre vários pontos da vida, e principalmente sobre seu magnífico folio mensal, por não encontrar o n.º 22, relativo ao mês de Março último, para o que remete em meio do Correio a importância de R\$ 300."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

O *Dr. Gallo Vilela de Andrade*, Pedregulho, escreve: "Exma. Sra. Junto remetemos-lhe a importância de quarente mil reis para assinatura da *Revista Feminina*, para o *Dr. Zalmira Marques Mendes*, Monte Alegre, Triângulo Mineiro."

## REVISTA FEMININA

— *Sr. José Gomes, Natal*, Rio Grande do Norte, escreve: "Tenho em meu poder o cartão de V. Excia. e juntamente o recibo de minha assinatura de um ano da *Revista Feminina*."

Aproveito a oportunidade para agradecer a promessa que me foi feita de me enviar V. Excia. pelos melhoramentos introduzidos na empresa que edita a *Revista Feminina* mil anualmente sob vossa direção."

De V. Excia., etc. — *D. Augusta Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

G. do Sul; Theodoro Verdi, Ityhy, Rio Grande do Sul; Luisa Savary, Santos; Aparecida Brax, Macaco, Villa Olympia; Marieta Serra Barreto, Mococa; America Barri, Americana; Sadi Brandão, Capital; Manoel O. P. Campos, Capital; Carlota de Sampaio Vidal, Benedita de Paula Leite, Franca; Maria de Almeida e Carneiro, Lacerda, Capital; Emilia Walther, Botucatu; Aurelio Alves de Moura, Capital; Dr. Afonso de Carvalho, Piracicaba; Aldeia Ramos, Coité, Bahia; Leon Fervadi, Três Barras, Paraná; Dr. Enigildo Guillini, Bragança; João Paschoal de Luca, Villa Americana; Maria Trevisan, de Souza, Santa Cruz do Conceição; Nina Vaghiengo, Capital; Maria de Souza Gabhi, Piracicaba; Mlle. E. Martinielli, Capital; E. de Souza de Toledo, Botucatu; Marcia de Moraes, Estação Moraes Barros; Isabel Passos Ferraz Costa, Santos; Davina Pinto, Santa Maria, Rio G. do Sul; Genarina Valle, Catolô, Rio G. do Norte; Pedro Adelfino dos Santos, Rio G. do Norte; Amélia Rodrigues Lopes, Estação de Guadua; Virgínia de Souza da Silva, Santos; Emerenciana Afra Vieira, Catanduva; Acacilino Gomes Mendes, Recife; Marcelino Tullius de Andrade, Campinas; Adelfino da Silveira, Campinas; Mlle. E. Martinielli, Amaranço e Cia. Póços de Caldas; Libby Madi, Ribeirão Preto; Isaura Moreira, São João do Rio Preto; D. Maria de Fátima, Botucatu; Maria Bittencourt, Estação de B. Bernardo; Maria Elia Mendes, Recife; Canide Brandão, Silva, Capivary; Julia; Laudelina de Lemos Góes, Passos, Minas; Regina Braga, Algodim, Bahia; Olívia Costa de Toledo, Itacaré; Zilma Vieira Magalhães, Bomfim, Minas; Fernando Machado da Silveira, Ilhéus, Rio G. do Sul; Manoelita V. de Souza, Pelotas; Ayda M. da Silva, Ilhéus, Rio G. do Sul; Francisco de Almeida Prado, Jaiá; Antonio Rodrigues, S. Sebastião do Paraíso, Minas; Domingos Honorato Ribeiro, Chapada Goyaz; Ida Mattos, S. Carlos; Claudina Aquino, Guaratinguetá; Amélia Teixeira Borges, Uberaba; J. Greenhage, Iguaçu; Maria Helena Silva, Paracatu, Minas; Maria Isabel de Carvalho, Casa Branca; Carolina Costa Araújo, Barra Mansa; Dr. Felício Barreto, Póços de Caldas; Delmira Medeiros de Sousa, Juiz de Fora; Amélia Castro, Portella, Bahia; Marquilha Silva, Varginha, Minas; Maria Nina Bial, Belo Horizonte, Bahia; Isabel Sampaio Seckler, Botucatu; Maria de Lourdes Meirelles, Baperdy; Rosalia Praggi Cruz, Descalvado; Luisa Soares de Oliveira, Viçosa, São Paulo; Leopoldo de Souza, Barra da Silva, Corrego Rico; Estephania Maria do Patrocinio, Murilândia, Minas; Pedro dos Santos, Estrela do Sul, Minas; Julia do Moron, Pirassununga; Mariasinha Muniz Ferreira, Casa Branca.

— *Sr. José Gomes, Natal*, Rio Grande do Norte, escreve: "Tenho em meu poder o cartão de V. Excia. e juntamente o recibo de minha assinatura de um ano da *Revista Feminina*."

Aproveito a oportunidade para agradecer a promessa que me foi feita de me enviar V. Excia. pelos melhoramentos introduzidos na empresa que edita a *Revista Feminina* mil anualmente sob vossa direção."

De V. Excia., etc. — *D. Augusta Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

E prometo arrumar novas assinaturas, para a *Revista Feminina*. — *Dr. V. Excia.*, etc. — *Dr. Augusto Moura Telles*, de Uberaba, escreve: "Remetto um vale postal, importância de uma assinatura para uma amiga, D. Julieta Costa Pinheiro, Praça Afonso Pena."

# INFANTINA

GRANADO

## FARINHA LACTEA

Malto - fosfatada

ALIMENTO COMPLETO PARA

### CREANÇAS, DEBILITADOS, CONVALESCENTES, ETC.

## A Infantina Granado.

É uma excelente farinha: gosto agradável, assimilabilidade perfeita e facilmente aceita pelas crianças. Por estas qualidades é um dos alimentos mais recomendáveis depois do sexto mês. S. Paulo, 25-2-96 Dr. Monteiro Vianna

# LOJA IDEAL

## 75, LARGO DO AROUCHE, 75

Officina de bordados e do Collete "Ideal" em modelos elegantes e modernos. Grandesoritimento de armarinho, roupas brancas, perfumarias, brinquedos, etc. etc.

Passando-se no corrente mês o 2.º aniversário da instalação e abertura da *Loja Ideal*, a sua proprietária resolveu comemorar esse acontecimento, promovendo uma real e vantajosa liquidação de todos os artigos que compõe o seu bem sortido estabelecimento, destacando-se armarinho, roupas brancas para senhora, vestidos para meninas, terminhos de casemira e brins para meninos, colletes, cintos, perfumarias, miudezas para modistas etc. etc.

Por esse motivo, a proprietária da *Loja Ideal* pede às Exmas. famílias, uma visita à sua casa, a fim de verificarem a realidade dos preços ao alcance de todos.

Telephone n. 4792--SÃO PAULO--Te'ephone n. 4792

## CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de senhoras: para bordar; para crochê; tricô; filô, macramê; facel, frivolté, inhandaty (Ternário). Artigos para confecção de filares artificiais. Máquinas para bordar e todos os avanços para trabalhar com as mesmas. Bastidores redondos, de quadro, de colto, com pés, de todos os tamanhos, lis e linhas de todas as qualidades e grossuras, torças de seda e de algodão e mercerizadas, sedas para bordar, lavavel e de Alger, talengaras de todas as qualidades, etamines, setins, pelúcias, veludos, linhos etc.

Papel de seda branco e de cores. Papéis crespos, dourados, prateados, pergamínios, cartonados e de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho acham-se sempre prontos e fazem-se de encomenda com as melhores e monogramas. Aviam-se encomendas para o interior.

**Genin & Filho**  
RUA 15 DE NOVOBRO, 80A — S. PAULO  
Telephone 1009  
Caixa Postal 204

Para limpar os cabelos. Pedem-se prontos os dados (cabelos) para grandes efeitos, com o uso de uma nova invenção de PETROLIO, a "Máquina" e "Máquina" de limpar, que faz limpar os cabelos com facilidade e rapidez e que os deixa limpos e brilhantes. Os dados são prontos e fazem-se de encomenda com as melhores e monogramas. Aviam-se encomendas para o interior.

## CASA BARUEL

Rua Direita, 1 — Largo da Sé, 2  
SÃO PAULO

As senhoras, e senhoritas que desejam manter sua cutis em perpetuo estado de juventude, não devem esquecer que em nossa Seção especial de Perfumarias, ha os mais finos e modernos Cremes, Cold-Cremes, Leites, Ceras, Loções, diversas e de toda especie de productos para Maquillagem. Outrossim, recomendamos o nosso variado sortimento de Pomadas, Pós, Cosméticos, Vernizes e liquidos diversos para o tratamento completo de "Maneuvre".

**BARUEL & CIA.**

# ANEMIA - NEURASTHENIA - FRAQUEZA - CHLOROSE - DEBILIDADE

## E TUBERCULOSE

MEDICACAO SEM RIVAL

CAPSULAS DE OLEO DE CAPIVARA DE SILVA ARAUJO



Brilhantes  
extra.  
Perolas  
oriental.

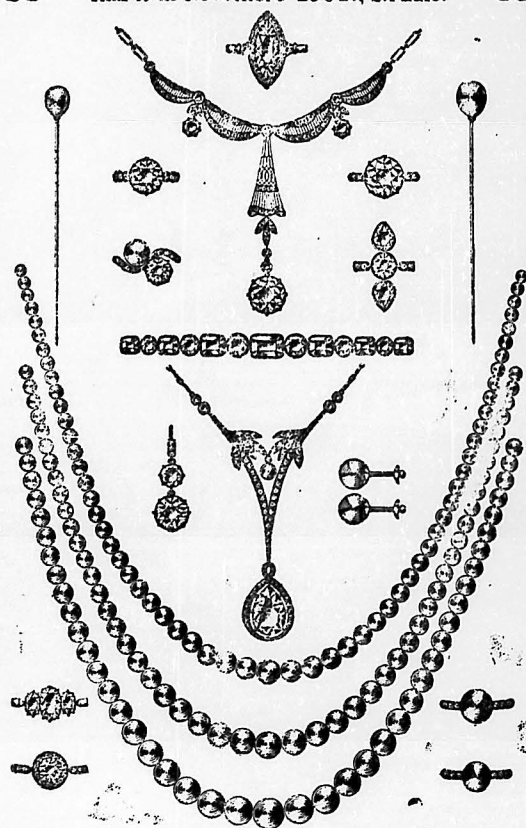
GRANDES ESTABELECIMENTOS DE JOIAS

**CASA MICHEL**

WORMS IRMÃOS, Proprietários.  
Rua 15 de Novembro 25 e 27, S. Paulo.

Corbeilles  
de  
Mariage.

Seção Especial em Joalheria fina.



Sortimento e preços sem competencia.

A casa de confiança que mais barato vende em todo o Brasil.

O nosso grande catalogo illustrado enviamos gratis e livre  
de porte a todas as pessoas que nol-o solicitem,  
citando o nome desta Revista